

# REVISTA DA ARMADA

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA MARINHA • Nº 469 • ANO XLII

DEZEMBRO 2012 • MENSAL • € 1,50



**AUTORIDADE MARÍTIMA NACIONAL**

**VIGILÂNCIA**

**CORAGEM**

**RIGOR**

# NOS CORAÇÕES SOLIDÁRIOS, O NATAL ACONTECE SEMPRE

*“NAQUELES DIAS, FAREI GERMINAR UM REBENTO JUSTO, QUE EXERCERÁ O DIREITO E A JUSTIÇA SOBRE A TERRA”. JER 33,14*

O momento actual é de grande insegurança e de evidente dificuldade económica, muito por força de todas as circunstâncias criadas pela crise europeia e mundial que se tornou transversal a todos os países.

E é precisamente neste clima de incertezas e dúvidas que muitas famílias portuguesas perspectivam a celebração do Natal que se avizinha.

Mesmo assim é com uma palavra de esperança que queremos chegar mais uma vez a todos os militares, militarizados e civis da Marinha bem como também às suas queridíssimas famílias.

E mais: convidamos todos os que nos lerem a empreenderem uma viagem apesar de tudo optimista. Apesar de tudo...

Não é a conjuntura económica que vai fazer com que “Belém” deixe de ser uma lição.

E claro que vamos continuar a desejar boas festas e com toda a propriedade.

Realmente o nosso Natal não depende essencialmente de cabezas mais ou menos recheados.

Aliás e sem demagogias, mas parece que a sombra divina não se conjuga muito bem com cenários de grandes despesismos e esbanjamentos.

De facto, se a crise tira o sorriso às pessoas, é sinal de que a nossa alma estava só nas “coisas”.

E não devia estar? Claro que sim. Mas não devia estar só aí.

E perdoem-nos esta asserção que não é propriamente original mas faz algum sentido: enquanto a maior parte se angustia e lamenta perante o cenário de crise que todos os dias nos persegue, escondendo a cabeça na areia e esperando que as coisas passem, há um outro grupo que acha entretanto que ele pode ser também uma oportunidade e desafio.

E até já conseguiram metas que nem sonhavam serem possíveis.

Há um provérbio que diz mais ou menos isto: Comece por fazer o que for necessário; depois o que é possível; de repente vê-se a fazer o que é impossível”.

Trago para a reflexão um caso verídico que conto como ouvi.

*Alguém que no verão de 2010, se viu confrontada com a dolorosa notícia da doença do marido que aliada à sua própria falta de saúde a remeteu para uma nova situação: passar os dias em casa para se dedicar aos cuidados que o estado do marido lhe exigia.*

*Nas suas idas à praia, até para recolher energias para carregar o novo “fardo”, foi contemplando o mar e apreciando as conchas que aquele devolveia. Foi trazendo para casa algumas dessas conchas sem uma intenção definida.*

*De repente, surge-lhe a ideia que, “para matar o tempo”, podia pôr a sua habilidade em acção e começar a fazer com esses materiais um presépio que decorasse a casa no tempo de Natal que haveria de chegar.*

*Tal foi o empenho com que se dedicou à sua construção que os familiares e vizinhos que assistiam ao ganhar forma daquele artesanato convertido*

*em presépio, começaram a encomendar algo de semelhante para os seus lares.*

*Entretanto, a própria protagonista deste caso começa a alimentar a ideia de conseguir até ao Natal construir o maior número possível de presépios para com eles fazer uma exposição.*

*O êxito foi de tal ordem que todos os artigos foram vendidos e bastante significativa foi a receita.*

*Mas não estava terminada a tarefa.*

*Com este valor a referida senhora fez uma listagem de compras que lhe permitisse construir vários cabezas de natal distribuindo-os depois pelas famílias mais carenciadas da terra.*

*Ainda se recordam do que originou tudo isto?*

*Claro, uma dificuldade: uma doença.*

*Aqui chegados eis-nos no coração do presépio:*

*logística modesta, onde nada falta mas onde também nada sobra.*

*Mas tudo com dignidade.*

*Recupero a citação bíblica com que enquadrámos esta reflexão:*

*“Naqueles dias, farei germinar um rebento justo, que exercerá o direito e a justiça sobre a terra”.*

*Isso mesmo. A ninguém devia ser atribuído a título de condescendência aquilo que lhes pertence como justiça.*

*Entretanto, quem dera que as dificuldades que nos assaltam no dia a dia sejam ultrapassadas.*

*Mas mesmo que o não sejam, nada disso nos vai impedir de celebrar o Natal.*

*E temos a certeza: no momento da verdade a solidariedade vai conseguir resolver muitas situações.*

*Para todos os militares, militarizados e civis da Marinha bem como para as suas famílias um SANTO NATAL.*



*Presépio barroco da Madre de Deus – Séc. XVIII  
António Ferreira – Museu da Madre de Deus*

Fotografia Massimo Lisiri



Publicação Oficial da Marinha

Periodicidade mensal  
Nº 469 • Ano XLII  
Dezembro 2012

**Diretor**

CALM EMQ

Luís Augusto Roque Martins

**Chefe de Redação**

CMG Joaquim Manuel de S. Vaz Ferreira

**Redação**

1TEN TSN Ana Alexandra Gago de Brito

**Secretário de Redação**

SAJ L Mário Jorge Almeida de Carvalho

**Colaboradores Permanentes**

CFR Jorge Manuel Patrício Gorjão

CFR FZ Luís Jorge R. Semedo de Matos

CFR SEG Abel Ivo de Melo e Sousa

1TEN Dr. Rui M. Ramalho Ortigão Neves

**Administração, Redação e Publicidade**

Revista da Armada

Edifício das Instalações

Centrais da Marinha

Rua do Arsenal

1149-001 Lisboa - Portugal

Telef: 21 321 76 50

Fax: 21 347 36 24

**Endereço da Marinha na Internet**

<http://www.marinha.pt>

**e-mail da Revista da Armada**

[revista.armada@marinha.pt](mailto:revista.armada@marinha.pt)

**Paginação eletrónica e produção**

Página Ímpar, Lda

**Tiragem média mensal:**

4500 exemplares

**Preço de venda avulso: € 1,50**

Revista anotada na ERC

Depósito Legal nº 55737/92

ISSN 0870-9343



# 10

**POLÍCIA MARÍTIMA  
ENQUADRAMENTO,  
COMPETÊNCIAS E PERÍCIAS**



# 16

**NRP SAGRES - 75 ANOS A NAVEGAR,  
50 ANOS AO SERVIÇO DE PORTUGAL**



# 22

**COMANDANTE  
FILOMENO DA CÂMARA**



# 25

**O GAMMA**

MENSAGEM DE NATAL	2
ABERTURA DO ANO OPERACIONAL 2012/13	4
O ARPÃO NO SNMG2	7
CELEBRAÇÕES DO 94º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO, DO 89º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES E 38º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR / CELEBRAÇÃO PELOS MILITARES FALECIDOS – MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS	8
FESTIVAL CABRILHO 2012	9
EURO – MÁ OU BOA IDEIA?	12
UNIVERSIDADE ITINERANTE DO MAR	15
NAVIO ESCOLA SAGRES. EMBAIXADOR ITINERANTE	18
TOMADAS DE POSSE	20
ENTREGAS DE COMANDO	21
COMISSÃO CULTURAL DA MARINHA	24
CURSO “OLIVEIRA E CARMO” CELEBRA BODAS DE OURO	28
PRÉMIOS CNOCA 2012 / CURSO “LUÍS DE CAMÕES”	29
NOVAS HISTÓRIAS DA BOTICA (18) / COMISSÃO CULTURAL DA MARINHA	30
VIGIA DA HISTÓRIA 49	31
QUARTO DE FOLGA / CONVÍVIO	33
NOTÍCIAS PESSOAIS / CONVÍVIOS	34
NAVIOS HIDROGRÁFICOS	CONTRACAPA



Foto  
Bruno Colaço/  
Correio da Manhã

ANUNCIANTES:  
ALM - OFTALMOLASER; LISSA - AGÊNCIA DE DESPACHOS  
ETRÁNSITOS, Lda.; ROHDE & SCHWARZ, Lda.

# ABERTURA DO ANO OPERACIONAL 2012/13

**D**ecorreu no passado dia 30 de outubro, no CITAN, a Abertura do Ano Operacional 2012/2013.

Este ano, a abertura formal do ano operacional seguiu o formato do ano passado, com grande sobriedade no anfiteatro do CITAN, sob a presidência do Almirante Saldanha Lopes, Chefe de Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional, estando presentes todos os altos postos da Armada, Diretores de Serviços e Comandos.

Falou em primeiro lugar o VALMJ. Monteiro Montenegro, Comandante Naval, que afirmou:

*Encerramos hoje simbolicamente mais um ano operacional. No tradicional balanço que estas ocasiões impõem, a minha primeira referência é dirigida aos elevados níveis de segurança que marcaram a atividade operacional. Com efeito, pese embora o acréscimo de alguns fatores de risco, nomeadamente pela redução das oportunidades de treino, pelas dificuldades em prover a mais necessidades na manutenção preventiva e pelo contínuo envelhecimento de alguns meios, o saldo é positivo. Daqui retiro uma conclusão e uma ilação; a conclusão é que vale a pena continuarmos a eleger a segurança como o elemento de maior relevância da nossa ação, pois dela decorre não só uma condição essencial ao cumprimento da missão, mas também, e acima de tudo, a salvaguarda do pessoal, que é o nosso bem maior; a ilação é que este saldo, para além de só ser possível mercê de uma formação sólida e de uma ação rigorosa da supervisão a todos os níveis, é certamente devido também ao saber implícito existente, fruto de anos e anos de operação no mar, como tal fora do alcance de arrivistas.*

Este resultado global não pode contudo fazer-nos afrouxar a vigilância. A escassez de empenhamento de algumas unidades, com consequente redução da proficiência do pessoal, a par com o desgaste de outras, com consequente maior exposição ao risco, estiveram na origem de alguns incidentes, ainda que sem consequências de vulto, mas que servem para ilustrar que a segurança é um estado permanentemente inacabado, em que um erro, uma distração, um alívio na vigilância, podem, num minuto, deitar a perder o que demorou anos a conquistar. Exorto pois os Senhores Comandantes, sejam dos navios, das unidades de fuzileiros ou de mergulhadores, ao máximo de rigor em matéria de segurança, não deixando nada ao sabor do improviso e do acaso; a sorte só costuma proteger os que fazem por a conquistar.

Senhor Almirante chefe do estado-maior da Armada, sei que tem acompanhado de perto a atividade operacional do Comando Naval e que é sensível às circunstâncias em que ela hoje se desenvolve. Ainda assim, não posso deixar de apresentar uma súmula do que de mais relevante foi feito e das principais dificuldades sentidas, tanto mais porque tem perante si os principais protagonistas daquela atividade, os comandantes e representantes das unidades da Esquadra, que muito justamente querem ver o seu desempenho aqui retratado, pois sentem orgulho

nos resultados alcançados por si e pelas suas guarnições e equipas.

O planeamento ficou ab initio fortemente condicionado pela disponibilidade orçamental.

Com efeito, a base orçamental de partida, da qual decorreu o planeamento para 2012, foi reduzida de 37% relativamente ao ano anterior, dos quais 25,7% afetando toda a atividade a realizar por iniciativa própria.

Assim, começando pela função de Defesa Militar e Apoio à Política Externa, tivemos a Corte Real integrada durante dois meses na operação Atalanta de combate à pirataria no Corno de África, desta feita sem oportunidades para ações de grande mediatismo, mas a que correspondeu, uma vez mais, e é isso que releva, o reconhecimento internacional da qualidade de desempenho das nossas guarnições, mas também



Foto João Tito

da capacidade da Marinha, através dos seus comandos administrativos e direções técnicas, para sustentar um navio numa operação distante e em ambiente desfavorável. Não surpreende pois o interesse dos comandos superiores aliados em continuar a contar com a presença dos nossos meios neste tipo de operações.

Mantivemos o empenhamento do Corpo de Fuzileiros no Afeganistão, ainda que condicionado no número de efetivos destacados. A preparação e o desempenho deste nosso pessoal, quando cotejado com outros, sejam eles nacionais ou estrangeiros, continua a ser objeto de significativo apreço, mostrando o sábia que os nossos fuzileiros são um corpo preparado, pronto e capaz.

A Sagres e o Creoula, para além dos seus tradicionais empenhamentos em viagens de instrução e de adaptação ao mar e de colaboração com instituições públicas e privadas, ainda que menos extensas e profundas do que no passado, concitaram sobre si uma atenção inusitada mercê das comemorações dos seus aniversários. A abertura à sociedade civil, empresarial e não só, e o brio que as suas guarnições evidenciaram na multiplicidade de eventos havida, trouxe óbvios dividendos à imagem da Marinha e genuíno

orgulho ao cidadão anónimo que os visitou. Este é, em minha opinião, apenas mais um exemplo de que o papel da Marinha, sendo um ramo das forças armadas, não se esgota na vertente militar, pois o seu fim último entronca no que seja definido como de interesse nacional, independentemente de fatores de modo, tempo ou lugar.

Nesta linha, saliento também a participação da António Enes na NEAFC/NAFO, o que, nos dizeres dos inspetores embarcados, veio, uma vez mais, em cotejo com o fretamento de um navio civil, evidenciar a mais-valia que uma unidade naval, fruto das suas capacidades, ainda que condicionadas pela idade, mas sobretudo do profissionalismo, saber, sentido do dever e atitude próprios de quem é militar, consegue trazer a este tipo de missões, ainda que de natureza eminentemente civil.

Por fim, a Operação Manatim.

Para mim, no plano da Marinha, o que mais relevou foi a excelente capacidade demonstrada para, em menos de 48 horas, colocar uma força naval no mar, reforçada com elementos e unidades dos fuzileiros e dos mergulhadores, deslocando-a para uma área de operações a milhares de milhas de distância, e pronta a cumprir com a missão atribuída. Foi mais uma prova da nossa cultura de missão, dos resultados que se obtêm da colaboração intersectorial e, permitam-me o destaque, do espírito que molda os nossos marinheiros.

No âmbito da Segurança e Autoridade do Estado, o empenhamento da Esquadra teve algumas reduções significativas a que acima aludi, ainda que os indicadores mensuráveis nos continuem a prestigiar. Emprego o qualificativo "mensurável" para evitar a conclusão imediatista de que estamos a conseguir fazer muito mais com muito menos. É verdade que melhorámos processos, refinámos procedimentos, desenvolvemos mais conhecimento e dessa forma aumentámos a eficiência.

Na Fiscalização da pesca, pese embora um decréscimo no número de fiscalizações, houve um acréscimo tendencial de deteções de Presumíveis Infratores. Tal é devido às vantagens do contínuo aperfeiçoamento das capacidades e da exploração dos sistemas de informação existentes no COMAR e nos Postos de Comando dos CZMA e CZMS, emprestando ao processo de decisão acrescida capacidade de direcionamento do esforço de fiscalização e, por consequência, maior efetividade.

Na Busca e Salvamento Marítimo, os níveis de desempenho continuam a merecer o nosso orgulho. Com efeito, as taxas de eficácia do Serviço de Busca e Salvamento Marítimo mantiveram-se em números muito prestigiantes, superando mesmo muitos dos seus congéneres internacionais, os quais só foram possíveis de alcançar pelos níveis de proficiência dos MRCC, do sentido de responsabilidade e de solidariedade dos mareantes em geral, e da excelente coordenação que tem sido mantida com os órgãos locais da Direção-Geral da Autoridade Marítima e com o Comando Operacional da Força Aérea.

O Corpo de Fuzileiros, para além da sua participação na Operação Manatim, satisfaz os seus com-

promissos. Embarcaram equipas de segurança nos navios SAR, na Operação Atalanta e na missão da NAFO, para além do apoio ao Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Florestais e de resposta ao Plano Tejo, bem como na vigilância e segurança a instalações militares, em que é bem expressiva a taxa de esforço imposta, sobretudo num quadro de carência de pessoal. Também, uma vez mais, colaboraram com cerca de 90 militares em apoio ao Instituto de Socorros a Náufragos, no período balnear.

Na função de apoio ao Desenvolvimento Económico, Científico e Cultural, começo por referir que foi possível manter os níveis de operação em valores idênticos ao do ano passado. Realço também o entendimento obtido a nível superior com a Secretaria de Estado do Mar para dar sequência a alguns projetos de dimensão nacional, em particular o da extensão da plataforma continental. Deixo a nota de que podemos e de que estamos prontos para fazer mais, assim o financiamento o permita.

Ainda no campo científico importará referir o envolvimento dos mergulhadores no REP12, evento de experimentação de veículos autónomos submarinos, em colaboração com universidades nacionais e organismos estrangeiros, bem como o apoio ao desenvolvimento do projeto BlueEye, desta feita em parceria com uma empresa nacional, constituindo um e outro dois bons exemplos da afirmação e valia da contribuição da Marinha em projetos de I&D.

No campo do treino e do aprontamento os níveis de atividade situaram-se abaixo do limiar do desejável.

De facto, apenas executámos um exercício a nível de Força Naval, um Instrex com 5 dias de duração, o que é manifestamente escasso para satisfazer plenamente os padrões de prontidão dos meios necessários à satisfação dos compromissos assumidos, designadamente no âmbito da NATO e da FRI, ou para responder a operações inopinadas, tão suscetíveis de ocorrer neste mundo cada vez mais imprevisível e descontrolado.

Este estado de coisas foi ainda agravado pela falta de fiabilidade do ASTT, de momento indisponível, afetando significativamente o entrosamento e a proficiência tática das equipas de bordo. O recurso à capacidade de simulação das fragatas tem sido praticado, mas, em boa verdade, não passa de um paliativo que alivia mas não cura.

Apesar da adversidade da situação para proporcionar o adequado treino à Esquadra, as características do nosso pessoal perante os desafios são efetivamente singulares. É o que o demonstra o resultado satisfatório alcançado há dias pela Álvaro Cabral no OST. Como ponto forte e que prestigia internacionalmente a fibra e o caráter do nosso pessoal, foi a entrega às exigências do treino, a receptividade aos ensinamentos, o empenho na correção das deficiências e a subsequente ação. O que neste momento releva, é que temos mais um navio pronto, com o qual podemos confiadamente contar.

Na capacidade submarina o panorama foi bastante mais animador. Merecem destaque a participação do Tridente num exercício Fleetex e a certificação no sistema Harpoon, ambas nos EUA, após uma inédita travessia atlântica por submarinos nacionais. O Arpão concluiu a sua docagem de garantia sem atrasos, beneficiando em muito das lições aprendidas

com o Tridente, tendo concluído no final da semana passada um período de integração na SNMG2, em que participou em diversos exercícios NATO e na Operação Active Endeavour.

Nos helicópteros as grandes dificuldades sentidas para satisfazer a nova Diretiva de Treino deveram-se à indisponibilidade de aeronaves, fruto do reduzido número de motores operacionais. A este propósito não posso deixar de realçar o progresso havido na capacidade interna de intervenção em alguns módulos, bem com o esforço havido nas sucessivas mudanças de motores entre aeronaves, seja para a realização de testes ou para o aprontamento. Entretanto foi recentemente formalizada a nossa participação no simulador de treino na Alemanha com o nosso cockpit, o que virá trazer uma significativa mais-valia para as qualificações dos nossos pilotos e uma importante poupança em horas de voo real.

Senhor Almirante, estimados camaradas,

Com este relato podemos ficar com a imagem de que, afinal, não estamos assim tão mal, porventu-



Foto ISAR, A. Laranjeira

ra justificando, para os menos avisados, o acerto da contenção a que fomos sujeitos. Assim não o é. Os espelhos apenas refletem a parte da realidade que se lhes apresenta, não conseguindo cobrir todos os ângulos dessa mesma realidade, escamoteando elementos fundamentais à percepção do todo.

Há uma grande assimetria de emprego entre classes, sendo evidente o significativo empenhamento dos navios do dispositivo, por contraponto ao das fragatas e do Bérrio. Se atentarmos nos valores das taxas de utilização destes navios e os cotejarmos com os custos fixos e de manutenção atacadados na BNL, facilmente se deduz que o Estado não está a tirar o partido devido do que a Marinha lhe pode dar.

Também daqui se retira que os navios mais utilizados são exactamente os que têm maior idade e, como tal, os que apresentam menor fiabilidade.

Uma das consequências é o crescente número de intervenções de manutenção eventuais, com natural impacto no planeamento e, conseqüentemente, nas guarnições.

Também na área do pessoal estamos a sentir grandes dificuldades.

É consabida a tendência crescente de faltas nas lotações de bordo, especialmente em praças e, particularmente, nas classes de Eletromecânicos, Manobras e Serviços e Técnicos de Armamento. Em terra são as unidades de fuzileiros, de mergulhadores e a BNL as mais atingidas.

Reconheço o quadro difícil em que nos movimentamos nesta área, em que não houve incorporações em 2011 e 2012 e a que se associa a erosão provocada pelos concursos para as forças de segurança.

Algumas medidas mitigadoras têm sido tomadas, como seja a criação de escalas conjuntas por classes de navios, quando o orçamento o permite empenhamos as fragatas em missões do dispositivo, aproveitando assim a oportunidade para treino próprio e para folgar as unidades mais navegadas, estamos a avaliar a adequabilidade de aplicação do conceito de guarnições múltiplas, não havendo campo para muito mais.

Sei que o momento nacional é de crise, não dando margem para sonhos imediatos, mas, em devido tempo, quando o incontornável período de ajustamento

orçamental passar, entendo que as instâncias políticas têm de olhar para o suplemento de embarque. Quem anda no mar merece-o.

Faço votos para que o tempo de espera não tenha de ser muito longo.

Atreve-me contudo a adaptar uma frase célebre de Abraham Lincoln que, aplicada à atual situação da Marinha, particularmente debilitada no seu orçamento para operação e manutenção, sumariza muita da minha preocupação.

Pode-se reduzir o treino e a manutenção a uma parte da Esquadra todo o tempo, e a toda a Esquadra parte do tempo, mas não se pode reduzir o treino e a manutenção a toda a Esquadra todo o tempo.

Concluo com uma palavra de exortação para as pessoas. Sem elas não há navios, sem navios não há Marinha, sem Marinha não há um Portugal independente. O marinheiro português em nada desmerece dos melhores que se conhecem. Sob uma liderança que prime pela justiça, pelo exemplo, pela lealdade, pela disciplina, pelo respeito e pelo sentido do humano, o nosso pessoal é de uma entrega e de uma generosidade inigualáveis.

A culturação que nos molda desde que passámos a usar o uniforme azul ferrete, transmitida pelos que há mais tempo servem no seio da Marinha, dá-nos a convicção de que no mar, mais nenhuma instituição neste país conseguirá alguma vez a ela substituir-se. O sal faz de facto toda a diferença. Por isso, Senhor Almirante, sabedor de que V.Exa. terá nos da linha da frente os destinatários das suas prioridades, conhecedor da valia do nosso pessoal, inbuído do espírito de parceria e cooperação expresso na sua visão, só posso estar confiante em que, a despeito das dificuldades, o Comando Naval cumprirá com o que dele se espera para o cumprimento da missão da Marinha.

Siga a Marinha!

Após a apresentação do Comandante Naval, o Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA-AMN) usou a oportunidade para se dirigir a todos num racional de comunicação descendente, centrando as suas palavras nas preocupações para o ano de 2013 e ainda nos assuntos resultantes de decisões anteriores, não

totalmente resolvidos, mas que afetam a condição militar e todos os que servem na Marinha.

O Almirante CEMA-AMN aproveitou ainda a ocasião para dirigir uma palavra de saudação, agradecimento e incentivo a todos os que se encontram em missão, especialmente aos que estão no mar e em teatros de operação longínquos, ao serviço de Portugal.

De seguida, efetuou um ponto de situação sobre as principais preocupações da Marinha, tendo começado por se referir à recente resolução do Conselho de Ministros, que já se traduziu no Decreto-lei 235/2012, sobre a clarificação da legislação referente à Autoridade Marítima e Polícia Marítima. Este DL torna mais claras as competências da AMN, nomeadamente ao colocar a Polícia Marítima na dependência da AMN, exceto em algumas áreas muito específicas, tais como a disciplina e inspeção. Este DL vem também recriar o conceito de Armada.

De seguida, o Almirante CEMA referiu-se à LPM, que tem sido consecutivamente adiada em face das restrições financeiras do país. Começou por referir a sua grande preocupação face à atual indefinição dos programas de substituição das corvetas e dos patrulhas, que levará a Marinha a ter que otimizar ainda mais a utilização dos meios ainda ao serviço. Mencionou também que o cancelamento dos contratos de aquisição de meios navais aos ENVC teve apenas o propósito de facilitar a privatização destes Estaleiros, mas tal pode não inviabilizar que no futuro estes projetos sejam novamente alvo de contratos com a indústria de construção naval, eventualmente até com os ENVC, uma vez que o proprietário destes projetos é agora o MDN. Referiu, no entanto, que tudo indica que no Verão de 2013 veremos, finalmente, o NRP *Figueira da Foz* no Alfeite, bem como resolvido o problema dos sobressalentes para os dois navios da classe.

Outra questão que o Almirante CEMA abordou foi a capacidade de manutenção da Marinha, questão esta que decorre obviamente do OE13, nomeadamente da capacidade do A.A. SA, uma vez que o futuro deste Estaleiro também está muito dependente das encomendas da Marinha.

Relativamente a outros projetos da LPM, tais como o MLU das fragatas, o lote de sobressalentes para as "Bartolomeu Dias", reequipamento dos FZs e o simulador tático para o CITAN, o Almirante CEMA reiterou que são projetos muito importantes, mas na atual conjuntura não é possível perspetivar o seu planeamento.

De seguida, o Almirante CEMA referiu que a manutenção das certificações operacionais, o entrosamento com outras Marinhas e a participação em forças navais terá de continuar a ser uma das prioridades e ambições para a esquadra, apesar dos constrangimentos económicos atuais. Para tal, será necessário manter adequados níveis de treino e de atividade operacional, pois só estes assegurarão um empenhamento credível e reconhecido pelos nossos pares. A este respeito e mesmo antes de conhecer o OE13, o Almirante CEMA referiu que esta é das suas maiores preocupações nesta área,

nomeadamente depois de um ano de 2012 no qual as horas e oportunidades de treino e de missão no mar ficaram muito aquém do que seria desejável.

O assunto que o Almirante CEMA abordou de seguida foi a reestruturação da estrutura superior da Defesa Nacional e das Forças Armadas. É um assunto que está a ser coordenado pelo Gabinete do Ministro da Defesa Nacional, através de um grupo de trabalho onde o EMGFA e os ramos se encontram representados. Em génese, o que se pretende é tornar menos pesadas e menos consumidoras de recursos – humanos e financeiros – as respetivas estruturas funcionais, procurando-se identificar áreas de sobreposição e redefinir algumas das atuais competências. Neste processo ocorrerá, necessariamente, uma redução dos quadros de chefia, em especial ao nível de oficial general, os quais poderão ainda passar por uma reconfiguração que lhes poderá vir a acrescentar mais um nível hierárquico: o de oficial general de uma estrela.

A Marinha está a estudar as implicações destas alterações, mantendo em aberto diferentes opções que têm em comum o propósito de causar o menor impacto possível ao nível do fluxo de carreiras, de garantir a equidade com os outros ramos e de não destruturar o funcionamento da instituição ou o princípio da hierarquia. Este é um trabalho que está a ser coordenado pelo EMA com um envolvimento muito profundo dos setores.

A alteração nos efetivos dos Quadros Permanentes foi o tema que o Almirante CEMA abordou de seguida. ODL 211/2012 veio, em síntese, reduzir os n.ºs de VALM (7 para 5), CALM (15 para 14), CMG (92 para 80) e SMOR (50 para 43). Esta medida, que terá grande impacto nas carreiras/expectativas das pessoas, será alvo de estudo de impacto pelo EMA e SSP, em articulação com a componente operacional, e de consequente informação descendente.

Relativamente à "Saúde Militar", o Almirante CEMA fez uma pequena síntese sobre os estudos que se estão a realizar ao nível do MDN, envolvendo toda a estrutura da Saúde Militar, incluindo o HFAR. É sabido que o processo de implementação do HFAR conheceu um novo impulso, estando em curso a transferência para o Hospital do Lumiar de muitos dos serviços que ainda estavam residentes no ex-Hospital da Marinha e no ex-Hospital do Exército. Pese embora aceite que a relação pessoal e a estabilidade pesam bastante na confiança que deve existir entre pacientes, profissionais e serviços de saúde, o Almirante CEMA está convicto que, do ponto de vista dos cuidados hospitalares, a nova solução tem potencialidade para vir a beneficiar todos os utentes.

Outra questão que se coloca no presente e no futuro é o Apoio Social e na doença. A este respeito, os desenvolvimentos conhecidos são preocupantes e parecem resultar em desfavor dos beneficiários e dos seus familiares. Não sendo uma questão que afeta apenas os militares, a mesma só será ultrapassada com o reconhecimento da situação de exceção. O Almirante CEMA, em conjunto com os outros chefes, re-

feriu que se tem batido para que, também neste particular, se atenda à especificidade da «condição militar» e que qualquer outra decisão sobre estas matérias envolva, necessariamente, as chefias militares.

O assunto que foi abordado de seguida foi o Fundo de Pensões, em que, face às conhecidas dificuldades financeiras, o Conselho de Ministros aprovou recentemente medidas que visam dotar este Fundo dos meios financeiros necessários que permitam o pagamento do Complemento de Pensão aos militares que dele beneficiem. Essas medidas passam pela rentabilização de património afeto à Defesa Nacional.

A última questão abordada pelo Almirante CEMA, pela sua atualidade e impacto imediato, foi a proposta de Lei do Orçamento de Estado para 2013, e algumas das medidas nela contidas, que se encontram em discussão na Assembleia da República. Mencionou ainda que o documento ora conhecido era ainda uma proposta, e como tal passível de alterações e melhorias, facto que o Conselho de Chefes de Estado-Maior das Forças Armadas já fez sentir junto do MDN, sublinhando ainda que o OE13 irá prever a existência de promoções.

Para terminar, o Almirante CEMA perspetivou o próximo ano operacional. Referiu que, na senda do ano de 2012, o ano de 2013 não será um ano fácil e, como já vamos estando habituados, terá muitos desafios pela frente. Mas com atitude positiva e espírito de entreajuda, e, acima de tudo, ESTABILIDADE, COESÃO e DISCIPLINA, a Marinha irá continuar a trabalhar permanentemente no sentido de contribuir para o reforço da autoridade do Estado nas águas jurisdicionais tirando o melhor partido dos meios de que dispõe. Acrescentou que, para além de outros de nível interno, 2013 impõe que se garantam importantes compromissos internacionais, havendo ainda que integrar um novo meio naval - o NRP *Figueira da Foz*. Tudo isto numa conjuntura financeira que certamente será muito difícil, a que a Marinha terá de responder com dedicação, brio e profissionalismo. Estes são fatores determinantes para o cumprimento das missões, mas cujo equilíbrio pode ser posto em causa por fatores exógenos. Referiu também que apesar do futuro por vezes não parecer de feição, está nas nossas mãos conseguir que ele seja melhor. Por isso, a resposta aos problemas que hoje nos preocupam devem ser procuradas dentro da Marinha e pelos marinheiros, fugindo-se à tentação fácil de projetar para o exterior aquilo que nos diz respeito solucionar.

Para isso, desde o início do mandato, tem o Almirante CEMA procurado incentivar a comunicação ascendente e descendente através da cadeia hierárquica, de modo a que todas as pessoas que servem a Marinha sintam que as suas expectativas, apreensões e preocupações estão a ser devidamente tratadas.

Para terminar, disse o comandante da Marinha que se sente muito orgulhoso do que tem sido feito em conjunto por todos os que honram Portugal servindo na Marinha.

# O Arpão no SNMG2

2ª PARTE

**A** largada de Toulon em 26 de setembro decorreu sem novidades com o *Arpão* pronto para enfrentar mais um grande desafio, o primeiro grande exercício operacional internacional da sua recente história, o Noble Mariner 12 (NOMR12) que se desenrolou ao largo da ilha francesa da Córsega. O cenário, já vivido por muitas vezes em outras ocasiões e latitudes, remeteu-nos para estados falhados beligerantes, uma crise humanitária e a necessidade de intervenção de uma força NATO, ao abrigo de resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas. A única grande alteração, à qual não estávamos acostumados, foi a participação na fase tática como navio integrante da força internacional e não como força opositora.

No NOMR 12, participaram meios aeronavais de diversos países como sejam os Estados Unidos, França, Itália, Alemanha, Portugal, Dinamarca, Turquia e o Reino Unido, totalizando mais de 40 meios aeronavais. Na primeira fase do exercício, que se desenrolou numa forma seriada, o *Arpão* teve a possibilidade de realizar 10 "CASEX", onde se incluíram séries para a luta anti-superfície e anti-submarina, enfrentando modernos meios aeronavais, realçando-se o submarino da Classe "212" da Marinha Italiana, ITS *Sciré*, e o nuclear da Classe "Rubis" da Marinha Francesa FS *Emeraude*, com resultados muito positivos. Na última fase do exercício, o *Arpão* integrou a força multinacional e apoiou-a na contenção de um conflito entre estados falhados. Dadas as novas capacidades de comunicações, considerando a introdução e utilização pela primeira vez do sistema de comunicações satélite, o *Arpão* atingiu, durante esta fase, o mais elevado nível de integração previsto na doutrina NATO, o "Integrated Operations". Conjuntamente com o *Emeraude*, competia ao *Arpão* proporcionar proteção de superfície e sub-superfície ao navio polivalente logístico francês *Tonnerre*, navio chefe da "nossa" força. Esta tarefa permitiu treinar muitos procedimentos de utilização de um submarino em apoio a uma força naval que realiza uma missão de paz, mas que conta com uma força potencialmente opositora no interior da sua área de operações.

No final, entre todos os participantes, ficou a noção de que o *Arpão* havia desempenhado muito bem o seu papel, tendo deixado bem patente a capacidade desta nova classe

de submarinos, a qual constitui o pilar da capacidade de dissuasão militar naval nacional. Nenhuma das outras capacidades existentes surte o mesmo efeito dissuasor num eventual opositor, dadas as características intrínsecas da arma submarina às quais se junta a elevadíssima qualidade desta classe de submarinos, repleta de alta tecnologia. A esta característi-

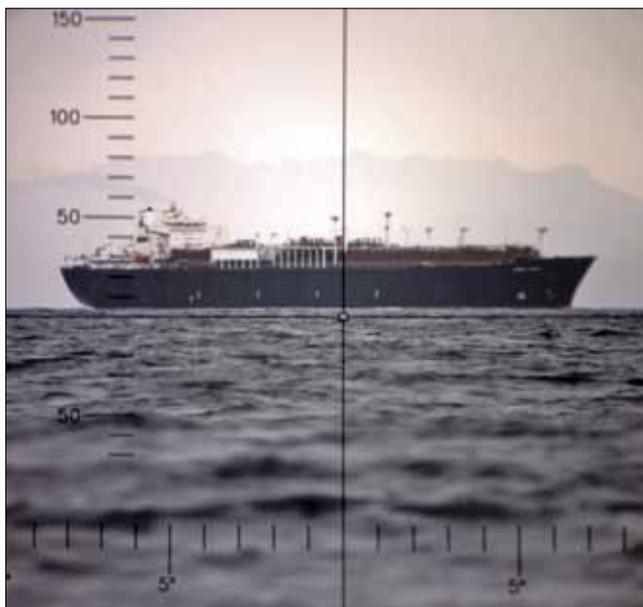
eventos sociais da SNMG2. Um destes eventos ocorreu a bordo da fragata turca *Gediz* e consistiu num almoço para um restrito grupo de autoridades civis e militares representativas da comunidade local; o outro foi um jantar que reuniu o COMSNMG2 e os seus quatro Comandantes num restaurante local. De salientar que o Comandante do *Arpão* sentiu sempre um particular interesse do CALM COMSNMG2 para com esta unidade naval, o único submarino a integrar a força por si comandada, conferindo a esta um relevante equilíbrio na missão, única ao abrigo do artigo 5º do Tratado da Aliança Atlântica.

Após 3 dias em porto, o *Arpão* zarpa a 12 de outubro em direção a mais uma área de patrulha, participando pela segunda vez na missão de combate ao terrorismo no mar Mediterrâneo, no âmbito da operação "Active Endeavour". Esta patrulha viria a terminar em 25 do mesmo mês, tendo o submarino navegado 345 horas sempre em imersão, e percorrido 1355 milhas. No decurso desta patrulha foram reportadas a presença e atividade de 1525 contactos, entre navios mercantes, navios militares não-Nato e 71 navios com comportamentos considerados eventualmente suspeitos.

Este período de 19 dias de patrulha constituiu mais um relevante desafio para a guarnição, dada a intensa atividade a que foi sujeita. A manutenção de um elevado estado de concentração da guarnição de uma unidade naval submarina a executar missões de recolha de informação discreta, em áreas onde se podem encontrar submarinos não-Nato e por um tão longo período de tempo, constitui por si só um enorme desafio.

A manutenção da atenção e concentração são fatores determinantes para o sucesso da missão pois em qualquer momento, e contrariando a rotina das tarefas em execução, são detetados contactos de elevado interesse, sejam eles civis ou militares de superfície ou sub-superfície, o que provoca o disparo muito substancial dos níveis de adrenalina. Contudo, devido ao esforço e dedicação da guarnição, tudo decorreu favoravelmente durante esta importante patrulha.

O tempo, esse, passou a voar nesta patrulha no Mar Mediterrâneo e foi com elevado sentir de dever cumprido que se iniciou o trânsito para o Porto de Cartagena.



Recolhendo informações de forma discreta.



O Arpão atracado em Palma de Maiorca.

ca acresce a capacidade, agora provada, de integrar sem dificuldade uma qualquer força NATO e de estar a par com o que de melhor se faz a nível mundial nesta área, não fosse Portugal contar com a Arma Submarina há quase 100 anos.

O NOMR 12 terminou no dia 7 de outubro e o *Arpão* atracou em Palma de Maiorca no dia 9 do mesmo mês. A estadia em Palma conduziria aos primeiros dois dias de alguma calma a bordo desde a já longínqua saída de Lisboa em 28 de agosto, tendo em conta que a escala em Toulon havia sido ainda muito movimentada, em virtude da necessidade de preparar convenientemente o exercício que aí vinha. Ainda assim, o Comandante do *Arpão*, CTEN Baptista Pereira, participou em dois

Colaboração do COMANDO DO NRP ARPÃO

# Comemorações do 94º Aniversário do Armistício, do 89º Aniversário da Liga dos Combatentes e 38º Aniversário do Fim da Guerra do Ultramar

**E**m 11 de novembro, a Liga dos Combatentes, com o apoio do Estado-Maior General das Forças Armadas, organizou as comemorações acima mencionadas no Forte do Bom Sucesso em frente ao Monumento aos Mortos do Ultramar. As cerimónias foram presididas pelo Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, General FA Esteves Araújo e contaram com a presença do Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional, Dr. Braga Lino em representação do Ministro da Defesa Nacional.

O programa iniciou-se com as alocações alusivas ao ato pelo Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes – General Chito Rodrigues, pela entidade convidada para orador, o Diretor Nacional da Polícia de Segurança Pública - Superintendente Valente Gomes, com o tema “Participação da Polícia de Segurança Pública nas Operações de Manutenção da Ordem e da Segurança Pública no ex-Ultramar Português e nas Operações de Paz” e pela Alta Entidade que presidiu às cerimónias – o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas. Seguiu-se a imposição de condecorações a elementos que prestam serviço na Liga e nos seus Núcleos e o descerramento duma placa de homenagem a combatentes das Forças de Segurança que morreram em Angola em 1961.

Seguiu-se a Homenagem aos Mortos pela Pátria com a deposição de flores pelas entidades oficiais e associações de combatentes com os toques de silêncio e alvorada e finalizando com o Hino da Liga.



Por último, seguiu-se o desfile das forças em parada, constituídas por uma Guarda de Honra, formada por uma companhia a três pelotões, um de cada Ramo, com Estandarte Nacional e Banda com requinta. As cerimónias terminaram com uma visita ao Forte do Bom Sucesso e às exposições nele patentes e com a assinatura do Livro de Honra da Liga pelos Chefes dos Ramos.

O discurso do Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes após os agradecimentos pela presença de tão ilustres convidados, dirigiu-se à memória dos que caíram pelo seu amor à Pátria, evocando os feitos do soldado português do séc. XX e XXI, que constituem um exemplo para aqueles que hoje servem Portugal nas Forças Armadas e Forças de Segurança. O Presidente da Liga referiu que “Forças de Segurança que hoje vamos homenagear ao convidar o Diretor Nacional da PSP

para proferir uma alocução sobre a participação dessa Polícia nas Operações de Manutenção da Ordem e da Segurança no ex-Ultramar Português e atualmente nas Operações de Paz nos vários territórios onde tem atuado, para além de descerrarmos uma placa com o nome dos seus mortos caídos na guerra do Ultramar em ações de combate no apoio às Forças Armadas e de inaugurarmos no Museu do Combatente um espaço museológico dedicado à PSP, que se juntará aos já existentes, da Marinha, do Exército, da Força Aérea e da GNR.”



Colaboração da LIGA DOS COMBATENTES

## Celebração pelos militares falecidos – Mosteiro dos Jerónimos “Eu estive lá, novamente”

**P**rovavelmente, muitos questionam a celebração de uma Missa de Fiéis Defuntos, mas só estando no ambiente desta celebração poderemos entender que, independentemente das nossas mais íntimas crenças, é uma forma muito adequada e digna de homenagearmos aqueles e aquelas que ao serviço das Forças Armadas e de Segurança, e naturalmente do País, partiram.

Desde algum tempo a esta data que tenho participado e assistido à tradicional Missa dos Fiéis Defuntos, que este ano teve lugar no dia 6 de novembro, na Igreja Santa Maria de Belém, no Mosteiro dos Jerónimos.

Senti o dever de partilhar com os leitores da Revista da Armada, de uma forma mais pessoal, o ambiente que se faz sentir e viver num momento e espaço tão próprios da nossa cultura castrense e católica.

Estar perante Deus a homenagear os que ao serviço do país e das Forças Armadas, em particular, partiram é um momento importante de respeito e de garantir que o caminho terreno não ficou esquecido.



A presença de altas individualidades do Estado, em particular as relativas às Forças Armadas e de Segurança, confere ao momento a importância que é dada a esta forma tão particular de garantir a memória dos que já não privam connosco e desta forma poderemos valorizar o caminho dos que estão vivos.

Este ano a responsabilidade da animação litúrgica foi do Exército e a presença do manto azul ferrete foi, uma vez mais bastante alargado,

quer por Almirantes, Oficiais, Sargentos, Praças, Militarizados e Civis.

A comunhão e a partilha são uma constante neste tipo de cerimónias que em particular tem o momento mais expressivo quando na Igreja são entoados os toques de homenagem aos mortos.

No final tenho a certeza que a exemplo de muitos saí mais completo e com um sentir de dever cumprido para com aqueles que deixaram de caminhar fisicamente ao nosso lado...



J. Coutinho de Lucena  
CFR

# Festival Cabrilho 2012

O Festival Cabrilho 2012, que vai na sua 49ª edição, pretende honrar a memória e comemorar a viagem do navegador português João Rodrigues Cabrilho que, ao serviço do Rei de Espanha, efectuou a primeira viagem de exploração da costa da Califórnia, tendo largado de Navidade, na Costa Oeste do México, navegando para norte, com três navios (o galeão e navio bandeira “San Salvador”, o “La Victoria” e o “San Miguel”). Fundeou em diversos locais nos quais se ressalva Ensenada no México, largando daí a 17 de Setembro de 1542 e tendo alcançado a baía de San Diego a 28 de Setembro de 1542. João Rodrigues Cabrilho tornou-se assim o primeiro europeu a pisar as terras do oeste do que hoje é o México e os Estados Unidos – Estado da Califórnia.

Este Festival, que decorreu em San Diego, entre os dias 29 e 30 de Setembro, constitui o ponto alto da afirmação da comunidade portuguesa em San Diego pelo que Portugal e a Marinha apoiam estas comemorações desde há longa data. Este ano estiveram presentes o cônsul-geral em San Francisco, Dr. Nuno Mathias, e o representante do almirante CEMA, CMG Sousa Costa.

O Festival, organizado tal como é habitual, através de uma estreita cooperação entre as autoridades americanas e as comunidades locais de emigrantes portugueses, espanhóis e mexicanos, conta com diversos eventos onde este ano se destacaram:

- Visita à réplica do Galeão “San Salvador”
- Cerimónia comemorativa e evocativa da chegada de Cabrilho a San Diego em 1542
- Jantar e baile de celebração da descoberta de Cabrilho
- Programa cultural na Base Naval de Point Loma

O primeiro evento do Festival Cabrilho 2012 foi a visita à réplica do Galeão “San Salvador”, em construção, realizada no Spanish Landing Park. A visita guiada foi feita pelo Presidente/CEO do Maritime Museum of San Diego, Mr. Raymond Ashley que deu a conhecer a todas as entidades oficiais presentes o projecto em curso. Prevê-se que a réplica do galeão esteja pronta em 2014 e que passe a fazer parte do Museu Marítimo para ser utilizado em diversas acções culturais.

A cerimónia comemorativa e evocativa da chegada de Cabrilho a San Diego, realizada no Cabrilho National Monument, foi conduzida pelo Superintendente deste parque nacional, Mr. Tom Workman e realizada junto ao monumento do navegador português. A cerimónia iniciou-se com os hinos do México, Portugal, Espanha e Estados Unidos ao que se seguiram três alocações de:

- Mr. Tom Workman que fez referências a Cabrilho e aludiu à memória de José Maurício Lomelino Alves, falecido este ano, e aos seus contributos para com o Festival Cabrilho;

- Representante da Comunidade Indígena Americana, Mrs. Jane Dumas, anciã na Nação Kumeyaay, na língua Kumeyaay (os índios Kumeyaay viviam nesta área onde chegou Cabrilho);

- Representante da tribo kumeyaay, Dr. Anthony Pico, (esta última alocação é feita em rotatividade anual pelo representante de cada um dos quatro países e comunidade indígena americana que integram este Festival Internacional, cabendo este ano à Comunidade Indígena).



O CMG Sousa Costa com o Cônsul-geral em San Francisco Dr. Nuno Mathias, o Presidente do Festival Cabrilho, Dr. José Garcia, o Chairman do Portuguese-American Leadership Council of the United States, Sr. Fernando G. Rosa e o Vice-presidente do Festival Cabrilho, Eng. Idalmiro da Rosa na cerimónia comemorativa e evocativa da chegada de Cabrilho a San Diego, junto ao monumento do navegador português.

Seguiu-se a deposição de duas coroas de flores oferecidas pelo Cabrilho National Monument junto ao monumento do navegador português, em honra de João Rodrigues Cabrilho, tendo o representante do almirante CEMA participado neste momento. Para terminar a cerimónia, a esposa do Dr. Anthony Pico, Sra.



Entrega do diploma a Miss Cabrilho – Amy Daneke.

Diana Pico, em representação dos indígenas Kumeyaay, colocou quatro ramos de poejo nas mesmas coroas como sinal de amizade entre os povos representados pelas várias nações.

O jantar e baile de celebração da descoberta de Cabrilho, organizado pelo Cabrilho Civic Club e pelo Portuguese American Social and Civic Club, foi o momento em que houve oportunidade de juntar todas as entidades

envolvidas na organização do Festival Cabrilho, bem como todas as entidades convidadas e acima de tudo representantes das diversas comunidades portuguesas na Califórnia. Preferiram uma alocação as seguintes entidades pela ordem apresentada:

- CMG Paulo Sousa Costa
- Dr. Nuno Mathias
- Dr. Duarte Garcia

No final da sua alocação, em nome do almirante CEMA e em reconhecimento do esforço desenvolvido na organização do Festival Cabrilho 2012, o CMG Sousa Costa fez a entrega de ofertas às diferentes entidades portuguesas (Direcção do Festival Cabrilho, Presidente do Portuguese-American Social and Civic Club, Presidente do Cabrilho Civic Club, Presidente do Portuguese SES Hall), e a entrega do Diploma e do prémio pecuniário a Miss Cabrilho, Amy Daneke.

Na sua alocação, o Presidente do Festival Cabrilho, Dr. José Duarte Garcia, fez uma referência ao papel de especial relevo da Marinha, quer pela vertente histórica – Cabrilho é um navegador português – quer pela representação anual do almirante CEMA, quer ainda pela tradicional atribuição anual do prémio pecuniário à Miss Cabrilho, eleita entre as jovens da comunidade portuguesa. No caso específico deste prémio, o Presidente do Festival Cabrilho reiterou os agradecimentos à Marinha pela sua atribuição.

No programa cultural na Base Naval de Point Loma, para além de se terem realizado uma série de espectáculos de danças tradicionais / folclóricas das comunidades mexicana, portuguesa, espanhola e indígena americana, teve como ponto alto a encenação do desembarque de João Rodrigues Cabrilho, na Baía de San Diego a 28 de Setembro de 1542, com a entrada no porto de uma caravela que executou salvas de honra; da caravela saiu a chalupa transportando um figurante de Cabrilho que desembarcou na Base Naval onde se crê que terá sido o local de desembarque do navegador português.

Este programa cultural foi mais uma oportunidade, por um lado, de estabelecer outros contactos com as entidades participantes no Festival Cabrilho e, por outro lado, de ver o interesse demonstrado pelo público em geral que se deslocou àquela Base Naval para assistir a este evento.

Uma nota final para referir que em 2013 terá lugar o 50º Festival Cabrilho, ano em que o Cabrilho National Monument celebra 100 anos de existência.

Paulo Sousa Costa  
CMG

# POLÍCIA MARÍTIMA

## ENQUADRAMENTO, COMPETÊNCIAS E PERÍCIAS

### ENQUADRAMENTO

O exercício de funções de Autoridade Marítima, como quadro público multifuncional de atribuições em espaços sob jurisdição marítima e matérias definidas no artigo 6º do Decreto-Lei nº 43/2002 e no artigo 13º do Decreto-Lei nº 44/2002, ambos de 02 de Março, insere-se no âmbito constitucional da Administração Pública e de Polícia, tendo recentemente, pelo Decreto-Lei nº 235/2012, de 31 de Outubro, obtido uma clara definição governamental do seu regime e do seu propósito institucional.

Neste modelo, a Polícia Marítima (PM) insere-se na estrutura da Autoridade Marítima Nacional (AMN), materializando, como órgão de polícia e órgão de polícia criminal (OPC) dotado de competência especializada, um conjunto de funções executivas e de polícia, tendo o Governo estatuído que a sua função é indissociável do funcionamento das capitania dos portos – onde reside o núcleo do exercício da autoridade marítima – sem prejuízo, naturalmente, do seu próprio quadro jurídico, comando superior e dependência hierárquica e governamental<sup>1</sup>.

Face à natureza da sua actividade, à especificidade do meio adverso em que normalmente atua, a PM conheceu, nos últimos anos, um franco desenvolvimento em termos institucionais, de recursos materiais e de perícias funcionais, o que sedimentou, por virtude própria, a sua inserção no quadro dos OPC nacionais, sendo actualmente – não obstante alguma carência a nível do pessoal<sup>2</sup> – uma força policial munida das perícias e capacidades necessárias aos seus fins públicos, com elevado grau de profissionalismo, pronta a atuar em permanência.

A segurança de pessoas, navios e bens em espaços sob jurisdição da Autoridade Marítima Nacional, e mais especificamente em espaços portuários, bem como a bordo de embarcações e navios qualquer que seja o seu pavilhão, constitui obrigação das sociedades democráticas, sem prejuízo das limitações impostas por tratados e convenções internacionais a que os Estados se obrigam.

O art.º 27º da Convenção da Nações Unidas Sobre o Direito do Mar (CNUDM), estabelece “ad nuntum” os critérios de aplicação da lei penal dos Estados parte, sendo que, nos termos preceituados no n.º 1, e alínea k), do n.º 2, do art.º 13º, ambos do DL 44/2002, compete ao Capitão do Porto e Comandante Local da PM, “*ipso jure*”, o exercício da autoridade do Estado em navios comunitários e extra-comunitários,

em matérias de prevenção proativa como a fiscalização, o policiamento e a segurança da navegação até ao exercício efectivo do poder coactivo, quando se verificarem alterações da ordem pública, ou ocorrência de indícios criminais.

Cabe, assim, à PM, ainda que por iniciativa própria, impedir, quanto possível, as consequências dos ilícitos criminais, levar a cabo todos os atos necessários e urgentes destinados a assegurar os meios de prova, deter e identificar os suspeitos, entre outras medidas de polícia tomadas em proporcionalidade aos factos concretos, com vista a restabelecer a “*paz jurídica*” (nomeadamente atento o definido no n.º 2, do art.º 55º, e 249º a 261º do Código do Processo Penal, ex vi, n.º 2, do art.º 1º, do Decreto-Lei n.º 248/95, de 21 de Setembro, na redacção dada pelo DL 235/2002)).



Estes regimes legais, assentes em *convenções internacionais e na lex fori*, têm por objectivo garantir a liberdade dos cidadãos e a segurança do tráfego marítimo - bem como, no aplicável, a protecção e preservação do meio marinho - que não pode estar ameaçada ou diminuída por surtos de violência perante os quais o Estado se possa ver numa situação de impotência de intervenção, quer eles ocorram em espaços terrestres dominiais marítimos, no mar territorial ou noutros espaços sob jurisdição nacional.

### O CÓDIGO ISPS

A postura institucional dos Estados perante aquelas ameaças assimétricas ganhou um maior relevo com os trágicos ataques terroristas às “*Torres Gémeas*” em Nova Iorque, a 11 de Setembro de 2001, que despertaram a comunidade internacional para a possibilidade de acções semelhantes poderem ocorrer através do mar, “*porta aberta à Europa e ao Mundo*”, por onde, é sabido, facilmente podem penetrar produtos ilícitos ou o resultado de actividades ilícitas de grande envergadura, a que estão ligadas normalmente associações criminosas, muito estruturadas e organizadas com capacidade de atuar com violência extrema e declarada, cuja prevenção e reacção impõe aos Estados a necessidade de utilizar meios coercivos que

ultrapassam os meios normais de segurança.

Foram, efectivamente, estes atentados terroristas na *coração da economia ocidental* que estiveram na origem do “*despertar*” global para a necessidade de se criarem mecanismos internacionais visando aumentar a protecção de navios e instalações portuárias. Uma das respostas à necessidade de prevenção proativa foi dada pela International Maritime Organization (IMO) com o início de vigência, a 1 de Julho de 2004, do *International Ship and Port Facility Security Code* (Código ISPS), diploma que a União Europeia (UE) tornou regime comunitário através do Regulamento n.º 725/2004, do Parlamento e do Conselho, de 31 de Março de 2004, cuja estrutura e organização interna foi regulamentada, para Portugal, pelo Decreto-Lei n.º 226/2006, de 15 de Novembro.

Atento o enquadramento legal que regula a matéria de segurança dos portos e áreas portuárias, cais e acessos, terminais e navios (independente do pavilhão), nomeadamente o estabelecido no art.º 2º, n.º 1, do Estatuto do Pessoal da Polícia Marítima (EPPM) – na redacção dada pelo DL 235/2012 – no art.º 6º, e alínea b), no n.º 1 do art.º 7º, do DL 43/2002, no art.º 15º, n.º 1 do DL

44/2002 – na redacção dada pelo DL 235/2012 – no n.º 1, do art.º 3º, do DL 46/2002 e no Código de Processo Penal<sup>3</sup>, impunha-se maximizar os mecanismos de prevenção proativa geral em termos de segurança, mas era, em especial, necessário, dotar a PM, enquanto único órgão de polícia criminal de competência especializada para atuar nas áreas e matérias legalmente atribuídas ao SAM, à AMN e também à Autoridade Portuária, das capacidades humana e técnica especializadas, que habilitassem a operação coativa em ambiente marítimo e portuário (superfície e subaquático), seus acessos e terminais estratégicos, bem como nos navios, visando ainda garantir a segurança das pessoas nesses espaços físicos, através de acções policiais de prevenção e repressão da criminalidade violenta ou especialmente violenta, cujo combate ultrapasse os meios coercivos ditos normais.

### OS GRUPOS ESPECIAIS DA PM

Perante as novas imposições legais, e considerando a necessidade de especializar atuações da PM, o comandante-geral decidiu instalar capacidades de especialidade para intervenção de acordo com as novas exigências de segurança em ambiente marítimo, sempre que ocorram, ou se antevejam, situações cuja complexidade imponha ao Estado a necessidade de utilizar

meios coercivos que ultrapassam os meios normais de segurança e reduzindo ao máximo as vulnerabilidades das actividades que se desenrolam em ambiente marítimo-portuário.

Desta forma, em 2008, é constituído o Grupo de Mergulho Forense (GMF) da PM, como o garante operacional desta polícia, no quadro de actividades da AMN, na investigação criminal subaquática, competindo-lhe, no foro policial próprio, obter e preservar os meios probatórios, em especial identificar e recolher vestígios probatórios submersos, detetar, localizar e proceder à remoção de cadáveres, estupefacientes, armas, material furtado, artes de pesca ilegal ou outros elementos que possam ter estado relacionados com ilícitos penais. O GMF pode ainda ser utilizado no apoio aos Comandos Locais da PM, ao Grupo de Acções Tácticas e a outros OPC.

Em complemento, é posteriormente constituído o actual Grupo de Acções Tácticas (GAT) da PM, que funciona como unidade de reserva às ordens do Comandante-geral, vocacionada exclusivamente para fazer face a ameaças de criminalidade violenta ou extremamente violenta, cuja prevenção e repressão ultrapassa os meios normais de segurança.

Finalmente, em 2011, é criado o Grupo de Recolha de Vestígios e Lofoscopia, a funcionar no Comando Local da PM de Lisboa, dotado de equipamento e laboratório capazes de revelar vestígios e indícios lofoscópicos que contribuem decisivamente para a descoberta dos agentes do crime, e que, embora não constitua um grupo de reserva, é peça fundamental para o exercício pleno da autoridade do estado em ambiente marítimo-portuário e para repor a “paz social”.

Face às valências adquiridas e à sua própria evolução mais recente, a PM solidificou a sua identidade jurídica e é hoje uma força policial altamente especializada que atua num ambiente de elevada importância estratégica para Portugal como Estado Costeiro, encontrando-se dotada de capacidades e instrumentos capazes de responder de forma eficaz às necessidades e desafios de segurança que estão na génese do Código ISPS, da segurança marítima em geral, ou de qualquer estrutura legal que futuramente venha a ser equacionada, já que, em paralelo com o policiamento de proximidade e prevenção efetuada pelos diversos Comandos Locais – através do policiamento de rotina ou dirigido a terminais de passageiros, cais de acostagem, portos em geral e terminais sensíveis, existentes em áreas da Autoridade Marítima, e mesmo áreas portuárias – existem grupos da PM de reserva capazes de agir em situações de excepção, como, por exemplo, a que ocorreu em 25 de Julho de 2011. Neste dia, chegou ao Comando Local da PM de Lisboa comunicação através da agência de navegação “Marmedsa – Agência Marítima Ld.”<sup>30</sup> que o imediato e outros tripulantes do navio tanque “Al Mahboobah”, com pavilhão de Malta, e 18 tripulantes, todos de nacionalidade filipina, a navegar do porto de Leixões para o porto de Lisboa, transportando uma carga de 2.100.000 ltrs. de Diesel, se re-

volvaram contra o capitão, obrigando-o a refugiar-se na ponte do navio, colocando em sério risco a vida das pessoas a bordo, a segurança da navegação, e, indirectamente, o porto de Lisboa e seus acessos por via marítima, com possibilidade de trágicas consequências para o comércio marítimo e economia nacional.

Estando em causa bens jurídicos que é absolutamente prioritário preservar, nomeadamente a vida e/ou integridade física das pessoas a bordo, a segurança do porto, a segurança marítima, do comércio marítimo nacional, foi decidido tomar o navio através de uma ação do GAT, que se iniciou pelas 00.30H, do dia 26 de Julho de 2011, na Baía de Cascais (*segundo diário de bordo*); assim, obtida autorização para a operação, dez homens do GAT da Polícia Marítima abordam o navio e em poucos minutos tomaram a ponte e a casa das máquinas e pelas 00.45H informam “navio seguro – todos os tripulantes sob controlo, identificados e detidos os presumíveis agressores/amotinados”. O navio navegou depois sob custódia do GAT, pelos acessos à barra norte do porto de Lisboa e atra-



cou, pelas 05.00H, no cais/terminal da “Repsol Banática” – Porto de Lisboa, numa operação policial levada a cabo com elevado padrão de profissionalismo e eficácia, devidamente sustentada nos princípios da legalidade e da proibição do excesso (na tripla dimensão dos princípios da necessidade, adequação e proporcionalidade *strictu sensu*).

Por seu turno, o GMF tem desenvolvido múltiplas operações, não só no auxílio aos Comandos Locais, mas principalmente em colaboração e apoio a operações da Polícia Judiciária e da PSP, bem como aos vários corpos de Bombeiros Voluntários e à Autoridade Nacional de Protecção Civil, sendo actualmente um Grupo de referência de actuação num meio notoriamente adverso, e que é resultado do elevado grau de profissionalismo que vem demonstrando, conforme provam as muitas solicitações que lhe são dirigidas por entidades exteriores.

Em complemento da actividade do GAT, do GMF e do policiamento preventivo e de rotina dos comandos Locais, existe, ainda, o Grupo de Recolha de Vestígios e Lofoscopia, composto por elementos com formação técnica específica nestas áreas, com capacidade para efectuar recolha de vestígios que levem à descoberta dos agentes do crime e contribuindo de forma decisiva para que a PM esteja em paridade com

os demais OPC, reafirmando assim, também, em termos institucionais, a Autoridade Marítima na sua vertente de segurança interna em ambiente marítimo.

## A AMN E A POLÍCIA MARÍTIMA

Todas estas valências têm contribuído para tornar a PM numa polícia de especialidade moderna e altamente qualificada, capaz de responder aos novos desafios da segurança, a que se juntam quase 100 anos de história e um profundo conhecimento das gentes ribeirinhas, das actividades marítimas ou que se desenrolam em ambiente marítimo-portuário e que fazem desta Polícia a força policial por excelência capaz de responder aos mais altos critérios de segurança no âmbito do Código ISPS, e de atuar no acesso e visita a navios de bandeira não nacional a portos portugueses, o que permite concluir, com algum grau de certeza, que a PM, dotada de Grupos de Acções Tácticas, de Mergulho Forense e de equipa de Recolha de Vestígios e Lofoscopia, umbilicalmente ligada à AMN e aos Capitães dos Portos, é a garantia da segurança interna nos espaços de jurisdição e nas matérias de competência do Sistema da Autoridade Marítima, da AMN e também da Autoridade Portuária.

É, aliás, a única polícia que atua transversalmente no mar, e no DPM, em todas as matérias – embora as de cariz fiscal e aduaneiro tenham a sua quase exclusividade no foro de competências da GNR –, designadamente pescas, poluição marítima, recreio, competições desportivas, actividades balneares, construções abusivas no DPM, transporte marítimo, visita e vistorias a embarcações, navegação e regime do porto, segurança a navios, e tráficos, entre outras.

Face à importância estratégica das actividades ligadas ao mar para a economia nacional, considerando as responsabilidades de Portugal como Estado Costeiro, e atento o exponencial aumento do tráfego marítimo, e da actividade de cruzeiros, e o acréscimo da importância que o comércio por via marítima vem conhecendo, bem como as demais actividades desenvolvidas em ambiente marítimo, é imprescindível assegurar, perante o Estado e os cidadãos, uma noção de garantia de segurança, elemento que os servidores da AM, e da Polícia Marítima em especial, têm como pressuposto permanente da sua actuação.

Comando-Geral da Polícia Marítima

### Notas

<sup>1</sup> Um dos elementos jurídicos que a lei confirma é, aliás, a definição de que o comandante-geral da PM é o órgão superior de comando da PM, sendo o seu dirigente máximo.

<sup>2</sup> No total, de entre quantitativos no activo, situações estatutárias especiais e órgãos de comando, actualmente, são quase 600.

<sup>3</sup> E ainda à actual Lei de Organização e Investigação Criminal (LOIC) art.º 4º, n.º 2 (com referência ao princípio da especialização e racionalização na afetação de recursos em investigação criminal) e n.º 7 do art.º 146º da Lei n.º 23/2007, de 4/07 (detenção de cidadão estrangeiro em situação ilegal, regra geral embarcados em navios que demandam portos nacionais)

# EURO - MÁ OU BOA IDEIA?

## INTRODUÇÃO

Com a crise do "Euro" está em causa o futuro da Europa e, assim, também o nosso, pelo que a Revista da Armada decidiu dedicar-lhe um artigo.

Vamos tentar responder às seguintes questões: O «Euro» terá sido uma má ou uma boa ideia? Porque é que chegámos a esta situação? Qual o impacto da crise do Euro na Defesa? Que futuro para o Euro?

## TERÁ SIDO UMA MÁ IDEIA?

A resposta a esta questão exige precisamente o regresso à origem. Em 1989-1990, empiricamente, muitos líderes europeus tiveram receio de aceitar uma Alemanha unificada no centro da Europa. Por exemplo, Margaret Thatcher assumiu radicalmente a sua oposição, por rejeitar o revivalismo do nacionalismo alemão e uma política externa agressiva. O Reino Unido só viria a alterar a sua posição devido à pressão norte-americana. Assim, viabilizou mas, como forma de contrabalançar o inevitável crescimento do poder alemão, reforçou o seu relacionamento com Washington. Paris e Washington tinham visões quase opostas quanto à unificação alemã. O Presidente Mitterrand também temeu que a Alemanha unificada assumisse um papel político mais relevante no espaço euro-atlântico, já que isso seria sempre feito à custa do poder da França. Não obstante, o objetivo comum francês e americano era o de controlar o poder de iniciativa da Alemanha. Assim, a França transformou o objetivo da unificação europeia no principal instrumento negocial, tendo exigido um compromisso alemão de integração europeia. Assim, a maioria dos autores considera que a França apenas aceitou a reunificação quando o governo de Helmut Kohl concordou com o projeto de União Económica e Monetária (UEM) em Maio de 1990 e que viria a ser codificado no Tratado da União Europeia (TUE).

A Alemanha estava preparada para o seu tempo e quando a França ainda estava a pensar na suposta vitória já ela estava a planear o aproveitamento das enormes vantagens que o Euro lhe proporcionava. Os restantes países da UE aderiram, ou não, em função dos seus interesses nacionais, à luz da sua política externa, tendo especialmente em conta a ligação que tinham ao marco alemão ou à libra esterlina. Por exemplo, em Portugal e Espanha reinava a ideia de que era preciso estar no «pelotão da frente». Por cá olhava-se para a Europa como um novo «Eldorado».

O primeiro sinal evidente do provável insucesso do Euro aconteceu em março de 1993,

quando a direita francesa<sup>1</sup>, recém-chegada ao poder, ainda com Mitterrand na presidência, tratou arrogantemente a Alemanha como se se tratasse de um país sem soberania monetária. A Alemanha, já politicamente fortalecida pela reunificação, reagiu como se impunha e deixou de comprar francos franceses. Naturalmente a moeda francesa afundou-se, de uma taxa de câmbio quase fixa passou para uma margem de flutuação que chegou a ir até aos 15%, o que na prática correspondia à certidão de óbito do Sistema Monetário Europeu (SME).

Desde então para cá a França nunca mais importunou a Alemanha e passou, na prática, a depender muito dela, basta lembrar que a

A opinião que grassa entre os defensores portugueses do Euro é a de que com a adesão à moeda única houve um desaparecimento do risco cambial na Zona Euro e o nosso País conseguiu estabilidade monetária e, consequentemente, deixou de ter uma inflação elevada. Como benefício, houve um aumento do comércio entre os países aderentes, o que conduziu a mais emprego e mais desenvolvimento económico. Neste ambiente, Portugal conseguiu liberalizar o sistema financeiro e o Estado deixou de utilizar os bancos como forma de financiamento privilegiado, o que permitiu que os bancos se dedicassem mais aos empréstimos ao setor privado. Para António Borges, apesar desta evolução, o maior obstáculo atual ainda é o financeiro.

O setor bancário, que na Europa representa 80% do setor financeiro, está dominado por um espírito conservador que limita o crescimento e não se evolui sem um setor financeiro forte e dinâmico.

O espírito (liberal) do Euro é o de que o capital deve fluir para onde pode ser mais produtivo. Segundo António Borges, Portugal desperdiçou os fundos europeus, focalizou-se no mercado doméstico e o crescimento foi ilusório, não edificou nada de produtivo (autoestradas, estádios, ...). Os setores protegidos não competiram no mercado e cresceram à custa dos contribuintes. Trata-se, verdadeiramente, de um problema de abertura da sociedade civil. Houve países, como por exemplo a Grécia, que aderiram ao Euro mas fecharam cada vez mais

a sua economia, o que não era o que se pretendia com a união monetária. Também tem havido países que têm tomado medidas contra o próprio Euro, como é o caso do Reino Unido. Portugal geriu mal, mas não tinha margem de manobra para se manter fora do Euro enquanto os seus principais parceiros comerciais aderiam à moeda única.

Poderá o problema residir na falta de uma liderança<sup>3</sup> forte? Segundo Miguel Morgado não, porque atualmente também existem bons políticos, estão é muito ocupados a resolver problemas acumulados do passado e a dimensão da UE Europeia impõe outra complexidade nas decisões.

Voltar ao escudo será uma opção? Para os adeptos do Euro não seria racional do ponto de vista económico, pois não resolveria problema nenhum, agravando os já existentes. António Borges lembra que «o Euro é muitíssimo importante para a Europa, acho que todos os europeus estão conscientes disso e, portanto, será feito todo o esforço necessário para que o Euro tenha sucesso», ressaltou, no entanto, dizendo que «isso não quer dizer que todos os países consigam ficar no Euro».



França é a principal beneficiária da Política Agrícola Comum que absorve 40% do orçamento da EU (este é um assunto que muito provavelmente irá dividir o eixo franco-alemão em breve).

## TERÁ SIDO UMA BOA IDEIA?

Uma das principais razões para se considerar o Euro um sucesso é que ele também contribuiu para que não houvesse guerras entre os Estados-Membros desde 1945. Este argumento ofusca por completo outras opiniões contrárias que se possam ter, já que para haver desenvolvimento com progresso social é necessária segurança e isso tem existido. O conservador John O'Sullivan vai mais longe e diz que não existe um plano B, o euro vale muito para além das questões económicas. O fim do Euro transformaria vários países em «Alemanhas de Leste» ou em Mezzogiornos<sup>2</sup>. Apesar disso, não vê como é que Portugal e a Grécia vão recuperar a competitividade com a Alemanha no Euro, salientando que qualquer que seja a solução será bastante penosa, como aliás os economistas como Paul Krugman ou Václav Klaus não se cansam de repetir.

Para António Borges a solução está na adoção do modelo alemão, baseado na *competitividade, eficiência económica, na disciplina das finanças públicas e na disciplina financeira do Banco Central Europeu*. Considera ainda que *foi a esse modelo que aderimos quando quisemos entrar na moeda única e portanto enquanto estivermos no Euro não temos outra opção senão aceitá-lo e quanto melhor o conseguirmos pôr em prática, mais rapidamente vamos para o bom caminho e nos tornamos tão fortes como, por exemplo, a Polónia ou Suécia*. Nesta perspetiva, o crescimento é o verdadeiro problema, é preciso estancar a viciação em dinheiro e abrir a economia, para que outros cá venham investir.

## AFINAL QUAL A ORIGEM DA CRISE DO EURO?

A Globalização, nos quinze anos anteriores a 2007, gerou um período de grande estabilidade, baixa inflação, com a economia mundial a crescer mais rapidamente e durante mais tempo do que em qualquer período anterior. Acontece que neste período as grandes indústrias europeias e norte-americanas, com a liberalização do comércio mundial, transferiram-se da Europa e dos EUA para o oriente, nomeadamente para a China<sup>4</sup>. Os EUA quase não sentiram no PIB porque tiveram uma equivalente compensação no setor financeiro. Poucos se foram apercebendo do perigo que se avizinhava, sem indústria iam-se perder muitos empregos com evidentes reflexos no comércio, logo na economia. A fórmula maravilha de Myron Scholes e Fisher Black, utilizada pela generalidade dos investidores, fez o que parecia impossível<sup>5</sup>, perdeu a lógica quando os preços das ações começaram a cair muito depressa e não apareceram compradores (houve medo contagiante...)<sup>6</sup>. Provavelmente, a Alemanha terá sido o único país que percebeu o que se estava a passar e procurou compensar a perda de empregos, criando muitos novos trabalhos mal pagos. Fê-lo com uma política deliberada, cortando nos subsídios de desemprego para encorajar as pessoas a aceitar salários mais baixos. Ao mesmo tempo, foi tomando medidas para que a negociação coletiva perdesse força. Além disso, procedeu à privatização de um número considerável de sectores do Estado.

Os restantes países da União Europeia andaram entretidos com a «Agenda de Lisboa» que ambicionava tornar, numa década, a Europa a região mais competitiva do mundo. Para concretizar este designio até se aprovou, em outubro de 2010, a «Estratégia 2020» que ainda está no papel.

Assim se explica, de uma forma muito simplista, porque é que a Alemanha estava melhor preparada para a crise e porque é que agora os alemães não se sentem moralmente responsáveis pelas dívidas soberanas e privadas dos restantes países da UE.

## E AGORA QUE FUTURO PARA O EURO?

Os mais de 500 milhões de europeus, da UE, ocupam um lugar privilegiado no mundo e os respetivos Estados-Membros são alvo da inveja externa pela estabilidade política, bem-estar, ensino, segurança social e qualidade de vida. A UE tem sido reconhecida como a maior potência comercial do mundo e exerce uma influência considerável sobre importantes organizações internacionais, nomeadamente nas Nações Unidas e na Organização Mundial do Comércio.

A Europa «nasceu» e «cresceu» em condições políticas que já não existem. Hoje quase não tem proteção militar ou financeira dos EUA, não tem o controlo colonial sobre as fontes de energia e matérias-primas, tem muito poucas indústrias de grande dimensão e a Alemanha tem uma geração no poder que já não viveu a guerra. A Alemanha sente-se hoje numa posição de completa independência e



Moderna fragata multimissão em produção para a França, Itália e também para Marrocos e Argélia.

até vê na Rússia um parceiro e não um inimigo, em especial na importante área da energia e até das matérias-primas. O mesmo não acontece com a UE que começa a ser vista pela Alemanha como um encargo, que se pode tornar cada vez mais insuportável.

O Euro é uma moeda e por isso tem duas faces. Muito se tem falado da face interna, ou seja, da falta de coesão da UE, mas pouco se tem falado da face externa, que é, porventura, mais grave, já que se trata do problema da competitividade no mundo global. Daí que seja necessário rever o ponto de observação da crise do Euro. Sem se resolver o problema do desequilíbrio da balança comercial entre o ocidente e a fábrica do mundo<sup>7</sup> não haverá maneira de criar expectativas positivas.

Não faltam ideias para a resolução da crise do Euro, algumas das quais apontam para a inevitabilidade de alguns países saírem do euro (a própria Alemanha ou os países em dificuldade, pelo menos a Grécia) ou até para a criação de dois euros, um do norte e outro do sul. Não quero acreditar na viabilidade de qualquer uma destas soluções, pois elas seriam demasiado penosas, revelariam uma tremen-

da falta de solidariedade europeia e acabariam por reverter o pensamento Europeu de volta às prerrogativas das soberanias e à dissolução da UE<sup>8</sup>. O diagnóstico da situação revela que a construção europeia foi incompleta, incapaz de subsistir sem uma maior integração fiscal e política. Está aí, provavelmente, a resposta, colocando-se duas possibilidades. A primeira, defendida por Angela Merkel, consiste na instalação de um governo económico europeu<sup>9</sup>. O problema é que para sustentar o Euro seria necessário enraizar a ideia de um *demos* europeu (uma identidade nacional europeia), que simplesmente não existe<sup>10</sup>. Sem legitimidade popular corre-se o risco de um governo económico europeu não conseguir realizar as necessárias pontes de compensação económica entre o norte e o sul<sup>11</sup>.

Resta, assim, apenas uma solução plausível, compatível com a ideia de alargamento da UE para além dos 27 Estados-Membros com apenas 17 na moeda única. Essa solução é, como

nos diz Viriato Soromenho-Marques e John O'Sullivan também defende, um federalismo com diferentes níveis de integração<sup>12</sup>. Se alguns países quiserem avançar para um maior grau de integração política, ou mesmo evoluir para a situação extrema de um único Estado europeu novo, os restantes países devem apoiar e ficar felizes com a ideia. Seria o tipo de experimentação que as federações devem estimular e fomentar<sup>13</sup>, é por isso que o princípio federativo da concorrência jurisdicional foi inventado. Esta nova Europa de geometria variável, como começa a ser chamado o projeto, pode realmente produzir uma integração mais rápida e com menos dor do que o projeto único alargado pressionado pela Chanceler Alemã.

## QUAL O IMPACTE DA CRISE DO EURO NA DEFESA?

Como já se disse, o projeto de união da Europa foi, desde o seu início, inseparável dos ideais de paz, de segurança e de defesa, no entanto, só se conseguiu definir uma Política Europeia de Segurança e Defesa (PESD) após o acordo franco-britânico de Saint-Malo, de 1998, ou seja, cinquenta anos depois. Esta nova orientação política foi trabalhada nas cimeiras europeias de Colónia e Helsínquia, em 1999, e consagrada em Nice, em 2000. Desde então, independentemente das vicissitudes políticas dos diversos tratados, a PESD tem sido considerada uma das áreas mais dinâmicas do processo de integração europeia, sem que, na verdade, tenha chegado a nada de marcadamente concreto.

Com o Tratado de Lisboa tentou-se criar condições para que a Europa avançasse em matéria de política externa, de segurança e defesa. Do ponto de vista estrutural (ordenamento legal), até criou essas condições (por exemplo, foi criado o cargo de Alto Representante da União para os Negócios Estran-

geiros e da Política de Segurança Comum e as Cooperções Estruturadas Permanentes), mas não se assegurou à genética os meios para a sua edificação. Neste último âmbito interessa realçar que a sétima inovação do Tratado de Lisboa correspondia ao alargamento do papel da Agência de Defesa Europeia, através da qual se pretendia desenvolver uma verdadeira política comum de armamento e coordenar o esforço de aquisição de material militar por parte dos diferentes Estados-Membros, tentando evitar a duplicação de programas atualmente existente.

O que chega ao conhecimento público indica que a operacionalização pouco avançou e até se pode dizer que regrediu, basta citar o exemplo do fim anunciado da EUROFOR. Do ponto de vista genético a crise está a afetar, negativa e significativamente, os volumes de financiamento dedicados às atividades de I&D, bem como os fundos que já estariam planeados para os grandes programas conjuntos europeus, nomeadamente o "Eurofighter Typhoon" e o "A400M".

Dizia-se que o Tratado de Lisboa levaria os maiores países da UE a assumirem uma liderança ativa da Europa para assim haver uma mais rápida resposta aos grandes desafios que nos afetam a todos. Na prática, com a crise, pouco se tem avançado em termos de aprofundamento da união e muito menos em matéria de Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD). Neste âmbito podemos justamente pensar que a existência de um exército europeu e uma diplomacia europeia, ou até, em termos mais abrangentes, numa segurança e defesa europeias, estarão mais longe da sua concretização, nem a retórica lhes tem dado atenção.

Em contrapartida, individualmente, os países continuam a dar atenção às questões de defesa, em especial às que dizem respeito aos espaços marítimos, já que sabem que aí se colocam os grandes desafios de segurança do século XXI. Por exemplo, a França e a Itália estão com grande dinamismo na construção das novas fragatas FREMM (FREgate Multi-Mission) e também estão a conseguir exportá-las para os vizinhos do sul, nomeadamente para Marrocos (uma) e para a Argélia (seis). A Espanha continua empenhada na construção de fragatas F-100 (que também vai exportar para a Noruega) e na construção dos quatro novos submarinos S-80. O Reino Unido está ocupado com a produção dos novos submarinos da classe «Astute».

Os países que mais sofrem com a crise, à medida que forem acumulando os custos reais desta luta anti-crise, mais tenderão a diminuir orçamentos, nomeadamente o da defesa. Estes cortes sentir-se-ão, com maior incidência, nos grandes programas, exigindo, caso venham a ser retomados, vários anos para que seja estruturada uma nova cooperação comum ao nível da Europa. Por outro lado, por mais declarações que possam vir a ter lugar por parte dos responsáveis políticos, voluntaristas e contraditórios, a crise poderá vir a provocar efeitos em sentido contrário, como seja o do exacerbamento dos interesses nacionais e a

reação negativa às hipóteses de mutualização e especialização das forças europeias em ordem a contornar o ambiente orçamental e financeiro restritivo, basta pensar na atual posição britânica.

É de prever que quanto mais a crise se prolongar maior será o risco correspondente à ameaça de violência nos países mais pobres e, ao mesmo tempo, menores os meios para a conter ou para reagir a desafios externos. A Suíça, que não faz parte da zona euro, está preocupada com os problemas que atravessam os países do sul da Europa e realizou em setembro um exercício militar, o "Stabilo Due", para se apressar para responder à atual instabilidade na Europa e para testar a velocidade com que o seu exército pode ser mobilizado (quer para missões próprias quer para apoio a outras autoridades competentes).

Também devemos pensar que, numa perspetiva estratégica, o fosso entre europeus e americanos se vai alargar, impedindo os europeus de participarem corretamente ao lado dos norte-americanos na resolução das crises. Por certo, os europeus serão mantidos sob pressão para que sigam as orientações e escolhas americanas sem poder mesmo discuti-las, porque não têm meios consequentes para as resolver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Professor Ernâni Lopes dizia que «Economia é Poder», e acrescentamos nós, não há verdadeiro poder sem instrumentos de força coerciva. Que poder terá agora a Europa com uma grande crise económica e sem capacidades militares comuns?

O Euro foi uma idealização política e, por isso, foi posto em prática com uma série de características que um projeto económico não aprovaria. Foram aceites países com economias muito divergentes, com diferentes níveis de emprego, inflação e produtividade, que não estavam preparados para a moeda única, para o fim da possibilidade de desvalorizarem a sua moeda como forma de intervenção na economia.

Se avaliarmos o Euro pelo seu passado até poderemos dizer que foi um sucesso. Se tomarmos em conta apenas o presente, pensando na enorme dívida pública e na falta de uma perspetiva de solução realista, teremos de considerar que foi uma má opção, já que não é justo fazer obra e passar as contas para as gerações seguintes. No futuro, o Euro terá mesmo de ser um sucesso para quem embarcou no projeto, pois a alternativa é a desintegração da UE e um regresso ao passado, com riscos políticos ainda não calculados, de impacte imprevisível.

O problema atual da UE tem a ver com a globalização, mais especificamente com a falta de medidas de reação à liberalização do comércio internacional que levou à deslocação das indústrias para a China. Assim, a única solução que se vislumbra viável para a Europa é uma federação faseada, ao mesmo tempo que se encontra um ponto de equilíbrio na balança comercial com a China e com os países em desenvolvimento acelerado. Espe-

ramos que a UE não se esqueça que poderá contabilizar ativos se mantiver a paz e a prosperidade alcançadas pelos seus povos, na base dos valores da liberdade, tolerância, diversidade e solidariedade.

Ao terminar este artigo, importa lembrar que o futuro nos reserva outros desafios, porventura ainda mais complexos do que o Euro, nomeadamente os relacionados com as alterações climáticas, com outras vertentes da globalização, com a dificuldade no acesso à energia, com o impacte da crise demográfica e com a insegurança fomentada por novas ameaças.

É necessário colocar o pensamento político no nosso tempo e uma das lições a tirar é que temos de regressar ao estudo da geopolítica (ao estudo da dinâmica do poder no espaço geográfico). Porventura, se a geopolítica tivesse sido considerada, os europeus tinham-se apercebido da «desmaterialização do espaço e da compactação do tempo».



Armando J. Dias Correia

CFR

Membro do CINAV

## Notas

<sup>1</sup> Liderada por Édouard Balladur, que ocupou o cargo de primeiro-ministro da França entre 1993 e 1995.

<sup>2</sup> Para fins sociais, económicos e políticos, refere-se ao sul da Itália.

<sup>3</sup> Referência a estadistas como Konrad Adenauer, Winston Churchill, Alcide de Gasperi ou Robert Schuman.

<sup>4</sup> O comércio marítimo passou a ter maior dimensão no Oceano Pacífico do que no Oceano Atlântico em 1985.

<sup>5</sup> Um «cisne negro», ou seja, um evento inesperado que força as pessoas a reverem as ideias preconcebidas que tinham acerca do mundo.

<sup>6</sup> Já dizia John Maynard Keynes que «O mercado pode manter-se irracional mais tempo do que nós podemos manter-nos solventes».

<sup>7</sup> Só os 1343 milhões de chineses têm uma população ativa de 795,5 milhões de pessoas.

<sup>8</sup> Ainda que possa parecer uma expressão forte ou de retórica, atente-se no que, em setembro de 2003, disse ao Expresso, o Prof. Ernâni Lopes: «...como obra humana, a União um dia poderá acabar. É poderosa e frágil, mas não tem a inércia histórica do Estado-Nação. Necessita de injeção permanente de energia, fundamentada na vontade política, na lucidez estratégica e no sentido de serviço do bem comum».

<sup>9</sup> Segundo o general Loureiro dos Santos «É possível que os países endividados não tenham outra opção senão acatar a vontade germânica, pois a alternativa poderá ser de tal modo terrível que justifica todas as cedências. Mas, como países independentes à custa de muitos esforços, não deixarão de reagir à indesejada submissão quando estiverem em condições de o fazer».

<sup>10</sup> «Não há nenhum exemplo na História de uma moeda a que não corresponda um só governo», refere o economista Rui Henrique Alves. Será uma grande incógnita o resultado e as consequências da eventual consulta aos britânicos sobre o futuro do Reino Unido na União Europeia. Só a ideia de algum país desrespeitar um Tratado causará danos nas relações com os Estados-Membros.

<sup>11</sup> É curioso notar que o eixo de interesse político tendencialmente leste-oeste está hoje muito orientado para os diferendos norte-sul.

<sup>12</sup> O Tratado de Lisboa introduz, para matérias de segurança e defesa, um mecanismo inovador e revolucionário em que não é requerida unanimidade no Conselho. Trata-se da criação de «Cooperções Estruturadas Permanentes», que é específica da Política Comum de Segurança e Defesa e que prevê a possibilidade de existência de uma cooperação mais estreita entre os Estados-Membros que o desejem e tenham capacidade para realizar maiores esforços em matéria de capacidades militares.

<sup>13</sup> Desde que antecipadamente estudem bem o processo federativo norte-americano e alemão.

# Universidade Itinerante do Mar

## MAIS UM ANO, MAIS UMA CAMPANHA

Tendo como objetivo transmitir experiências, informação e conhecimento sobre diferentes assuntos relacionados com o mar e a sua importância no desenvolvimento sustentável, a Universidade Itinerante do Mar (UIM) representa um elemento marcante no despertar da consciência dos estudantes universitários para um tema muito atual e relevante. Seguindo o lema “conhecimento e aventura”, os participantes têm a oportunidade de obter experiências únicas, em especial a da navegação, e ainda de partilhar conhecimentos e criar novas amizades.

Podem inscrever-se na UIM estudantes da Universidade do Porto, da Universidade de Oviedo, e de outras universidades espanholas e portuguesas que adiram a este projeto.

Todos os anos a UIM é composta por duas fases, a formação em terra e a formação no mar. No final, após apresentarem um projeto, os participantes recebem um certificado, no qual constam seis créditos de configuração livre, que beneficiam de reconhecimento académico, de acordo com as normas em vigor em cada uma das universidades participantes.

Desde a primeira edição da UIM, em 2006, a formação no mar decorre a bordo do Navio de Treino de Mar (NTM) *Creoula* (com exceção do ano de 2009), que se encarrega de assegurar as condições de navegação e de segurança a bordo.

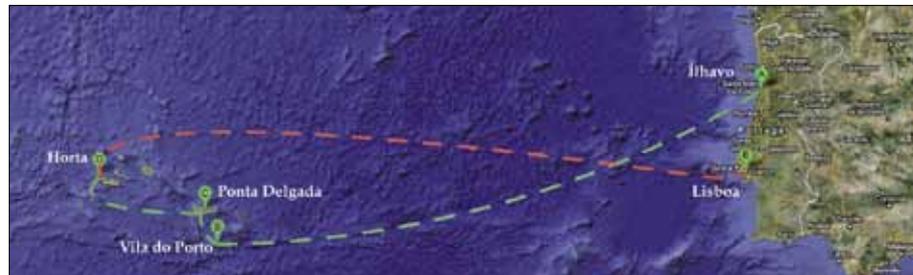
A bordo, para além das atividades diárias nas quais todos participam, decorrem também diversos momentos formativos, nomeadamente palestras sobre o tema da campanha em curso, *workshops* sobre navegação, marinharia, segurança a bordo, liderança e sobre a elaboração do projeto de mar e o diário de bordo.

## CAMPANHA UIM 2012

A formação de mar deste ano decorreu mais uma vez a bordo do NTM *Creoula*, entre os dias 5 e 26 de agosto, e contou com a participação dos membros fundadores, a Escola Naval, Universidade do Porto e a Universidade de Oviedo. O tema da campanha foi “O oceano ibérico. Os Açores, uma ponte na conexão americana” e, como habitualmente, participaram estudantes universitários, que perfizeram um total de 40 instruídos, acompanhados por 14 tutores, professores das ins-

tituições fundadoras. Pelo segundo ano consecutivo, a Escola Naval participou ativamente neste projeto com o embarque de quatro cadetes, e um professor militar.

A campanha UIM 2012 partiu de Ílhavo e fez escalas nos portos de Vila do Porto, Ponta Delgada e Horta.



Durante os percursos de navegação, os instruídos, na sua maioria jovens sem experiência de vida de bordo, organizaram-se por grupos que efetuaram quartos de vigia, leme, cozinha, copa e navegação.



A primeira semana foi a mais difícil, com o habitual período de adaptação e enjoos que parecem intermináveis, mas com o passar do tempo o corpo ganha forças e as indisposições terminam. Com mais ou menos energia, todos participavam nas tarefas diárias necessárias ao bom funcionamento do navio.

Por outro lado, os períodos em terra foram aproveitados para a realização de visitas, que permitiram o contacto com as gentes, a história e as tradições locais.

Esta foi uma experiência muito enriquecedora para todos os participantes da UIM e para a guarnição do navio, pois permite uma partilha muito

próxima de experiências e vivências, que se aprofunda ainda mais com a presença de duas nacionalidades a bordo. Os estudantes universitários instruídos tiveram a oportunidade de aprender sobre navegação marítima, e os cadetes tiraram

partido deste projeto aplicando os conhecimentos adquiridos na Escola Naval e pondo em prática algumas técnicas de liderança a bordo. Por seu lado, a guarnição do NTM *Creoula* vivenciou mais uma atividade dedicada à sociedade civil, tendo demonstrado, como sempre, um elevado profissionalismo no contacto com os “marinheiros amadores”.

Durante os vinte e um dias de viagem desta campanha foram percorridos um total de 1.938 milhas náuticas e realizadas 315 horas de navegação.

## UM DIA DA UIM A BORDO DO NTM CREOULA

Alvorada!

Um momento sempre difícil, mas alegrado por um dos instruídos que, nos dias de inspiração, tocava a sua gaita-de-foles pelas sete da manhã.

Formatura para as limpezas!

Já cheios de energia e vontade de enfrentar mais um dia no mar, os jovens instruídos, divididos por grupos, efetuavam as limpezas das cobertas, das casas de banho, da baldeação e dos amarelos. À medida que o tempo passava os trabalhos iam ficando atrasados, e alguns instruídos acabavam por ser presenteados com mais algumas limpezas.

Momentos de formação!

O almoço marcava a pausa entre duas sessões de palestras, que contemplavam assuntos muito distintos. Durante as tiradas mais longas, entre Ílhavo e S. Miguel e entre a Horta e Lisboa, os cadetes realizaram navegação astronómica, e deram a conhecer esta prática muito antiga mas sempre eficaz.

Pausa para descanso e convívio!

Por volta das quatro horas da tarde começava o tilintar das moedas nos bolsos dos instruídos, que esperavam a música que anunciava a venda de gelados.

Sempre em forma!

Para os interessados, às dezoito e trinta realizavam-se aulas de Educação Física, e após o jantar um pouco de descanso com uma sessão de cinema. Para além destas atividades, os instruídos continuavam a fazer quartos, pois a vida a bordo não tem pausas.

## Temas das Campanhas da UIM desde a primeira edição

Campanha	Tema
2006	A Europa e o Mar, uma visão Interdisciplinar
2007	O Mediterrâneo, um espaço de encontro entre culturas
2008	Energia, Meio Ambiente e Mar
2009	O Atlântico, uma fronteira aberta
2010	Macaronésia: A porta Atlântica da Europa
2011	O Mediterrâneo, a conexão de três mundos. Um bicentenário e muitos desafios comuns
2012	O oceano ibérico. Os Açores, uma ponte na conexão americana

Colaboração da ESCOLA NAVAL

# NRP Sagres

## 75 anos a navegar, 50 anos ao serviço de Portugal

### Balanço das comemorações

#### INTRODUÇÃO

Alemanha, 30 de outubro de 1937. Entre diversas bandeiras características da iconografia alemã da altura e na presença de muitos convidados das hierarquias política e militar, o então navio-escola *Albert Leo Schlageter* era lançado às águas do rio Elba. Concebido no seio da Alemanha nazi, este navio fazia parte da estratégia de Hitler para, em clara violação do *Tratado de Versalhes*, construir uma marinha poderosa (*Kriegsmarine*), onde se incluíam quatro navios escola à vela, para formação dos futuros oficiais.

O *Albert Leo Schlageter* viria, no final da II Guerra Mundial, a ficar para os Estados Unidos da América, que o cederam ao Brasil (em 1948), que por sua vez o vendeu, por um preço simbólico, a Portugal, em 1961. Em 8 de fevereiro de 1962, estando atracada no Rio de Janeiro, a *Sagres* arvorou pela primeira vez a Bandeira Nacional. Desde esse ano, todos os cursos da Escola Naval tiveram o privilégio de efetuar a sua grande viagem de instrução, a bordo do NRP *Sagres*, pondo em prática os seus conhecimentos teóricos e estabelecendo, dessa forma, a ponte com os ensinamentos dos egrégios navegadores portugueses.

Este foi, portanto, um ano particularmente simbólico para a *Sagres* devido à feliz circunstância de se celebrar o 75º aniversário do navio e os seus 50 anos ao serviço de Portugal. Nesse sentido, ocorreram durante o ano vários eventos e várias iniciativas destinados a assinalar essas efemérides, das quais se fará um breve apanhado nas linhas abaixo.

#### A CONDECORAÇÃO COM A ORDEM MILITAR DE CRISTO

O ponto alto das comemorações que envolveram o NRP *Sagres* em 2012 terá sido a condecoração do navio pelo Presidente da República e Grão-Mestre das Ordens Honoríficas Portuguesas. De facto, o Prof. Cavaco Silva quis dar público reconhecimento pelos destacados serviços prestados pela *Sagres* ao País, no âmbito da diplomacia, durante os últimos 50 anos, conferindo-lhe, no dia 12 de março de 2012 – e pela primeira vez a uma unidade da Marinha Portuguesa – o título de Membro-Honorário da Ordem Militar de Cristo.

#### OS PORTOS VISITADOS EM 2012

Durante este ano de 2012, a Marinha Portuguesa empenhou-se em levar o navio ao encontro dos portugueses, com a *Sagres* a atracar em diversos portos nacionais e a abrir a visitas em horário alargado.

Nesse sentido – além do navio ter aberto ao público na Base Naval de Lisboa (BNL), no âmbito das celebrações do Dia da Marinha 2012, ocorridas em Almada – foi possível levar a *Sagres* a Lisboa, Figueira da Foz, Funchal, Leixões e Portimão. Nestes portos e em apenas 33 dias de abertura ao público, a *Sagres* recebeu mais de 125 mil visitantes (ver tabela), valor que, somado às visitas recebidas no porto de Cádiz (mais de 31 mil) e às visitas de grupos organizados recebidas na BNL (mais de 2500), eleva o número de visitantes durante o ano de 2012 a 160 mil.

Cabe aqui referir ainda que, neste ano particularmente simbólico, a *Sagres* teve o privilégio

de se associar a dois dos mais importantes eventos de vela, de todo o Mundo: a *Volvo Ocean Race* (que a *Sagres* acompanhou entre 8 e 10 de Junho, em Lisboa) e a *Tall Ships Races* (em que a *Sagres* participou entre 18 e 29 de Julho). Além disso, o navio participou nas comemorações do Dia da Marinha e do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, fundeando, respetivamente, em Cacilhas e em Lisboa.

#### AS COMEMORAÇÕES DOS 50 / 75 ANOS DO NRP SAGRES

Neste ano, diversas instituições e entidades civis quiseram associar-se às comemorações do aniversário dos 50/75 anos do navio, através do lançamento de produtos alusivos à *Sagres*, designadamente:

- A Comissão Vitivinícola Regional da Península de Setúbal, juntamente com alguns produtores da região, lançou uma edição especial comemorativa dos 50 anos da *Sagres* com bandeira portuguesa e dos 75 de vida do Navio de Treino de Mar *Creoula*. Tratou-se de uma edição singular de quatro vinhos da região – um tinto reserva, um tinto, um branco e um moscatel roxo – que receberam os nomes dos navios *Sagres* e *Creoula*;

- O cantor e compositor Vitorino apresentou publicamente, com a Banda da Armada e com alguns elementos da guarnição do navio, a sua marcha intitulada: *Marcha da Sagres*;

- A Ach. Brito, em homenagem simbólica aos 75 anos de vida da *Sagres* e do *Creoula*, desenvolveu uma edição especial de 2 sabonetes personalizados, dedicados a estes navios;

- O fotógrafo Guta de Carvalho lançou o seu livro “Navegações”, com algumas das fotografias que foi tirando à *Sagres* nos últimos 25 anos;

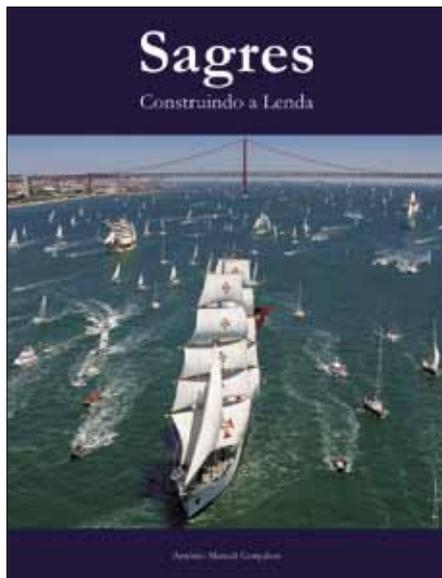
- O Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira lançou, a bordo, um Vinho Madeira, que homenageia os 50 anos da *Sagres* ao serviço de Portugal;

- A Imprensa Nacional-Casa da Moeda lançou uma medalha da autoria da escultora Baiba Sime, que comemora os 75 anos do navio-escola *Sagres* e os seus 50 anos ao serviço da Marinha Portuguesa. Foi cunhada em prata, sendo o limite de produção de 150 medalhas;

- A *Philae*, Sociedade Portuguesa de Moedas, lançou um prato de porcelana comemorativo, com uma aguarela original da autoria do professor Martim Lapa que retrata a *Sagres* a navegar com todo o pano;

- A Casa de Santa Eufémia lançou um Vinho do Porto comemorativo dos 50/75 anos da *Sagres*;

- O produtor Hernâni Verde-lho, da Quinta do Carrenho, da região do Douro, lançou dois vi-



## Nº de visitantes em portos nacionais no ano de 2012

Porto	Período	Nr. visitantes	Ocasião
Lisboa	4-13 FEV	33 395	Comemorações dos 50 anos ao serviço de Portugal
Figueira da Foz	1-3 ABR	12 075	Comemorações dos 50 anos ao serviço de Portugal
Almada	12-19 MAI	7471	Dia da Marinha 2012
Funchal	13-14 JUL	3485	Viagem de Instrução 2012
Lisboa	19-21 JUL	40 540	Viagem de Instrução 2012 / Tall Ships Races 2012
Leixões	3-5 AGO	16 304	Viagem de Instrução 2012
Portimão	21-23 SET	6201	Viagem de Adaptação de candidatos à EN
Lisboa	30 OUT-1 NOV	6215	Comemorações dos 75 anos do lançamento à água
<b>TOTAL DE VISITANTES EM PORTOS NACIONAIS – 125 686</b>			

nhos “Dona Berta” (um branco e um tinto) com o rótulo do navio;

- Os CTT lançaram um selo comemorativo dos 50/75 anos do NRP *Sagres*, com uma imagem do navio a navegar com todo o pano da autoria do pintor Fernando Lemos Gomes e de valor de

0,32€, bem como um bloco com o valor de 1,75€;

- A Imprensa Nacional-Casa da Moeda assinalou o 75º aniversário do navio com uma moeda de coleção comemorativa da autoria da escultora Baiba Šime. Com o valor facial de 2,5€, esta moeda foi cunhada em prata (com o limite de

emissão de 5000 exemplares apresentados em estojo com certificado de garantia) e em cupróniquel (com acabamento normal, com o limite de emissão de 100 000 exemplares);

- O músico Jonas Runas apresentou, a bordo, uma peça musical de sua autoria, intitulada *Sagres*, que utiliza os apitos do mestre e dos contramestres do navio numa composição sonora de grande originalidade;

- A Comissão Cultural de Marinha lançou a reedição atualizada do livro “*Sagres – Construindo a Lenda*”, da autoria do Comandante Manuel Gonçalves.

Para além destas iniciativas, houve muitas outras de empresas, associações, confrarias, instituições e particulares, que quiseram prestar a sua homenagem ao navio e dar-lhe os parabéns. Enfim, foi um ano pleno de eventos, iniciativas e atividades, que revelam o interesse que o navio suscita entre toda a população portuguesa.



Colaboração do COMANDO DO NRP SAGRES

## Portos nacionais visitados em 2012

Lisboa (Fevereiro)



Figueira da Foz



Funchal



Lisboa (Julho)



Leixões



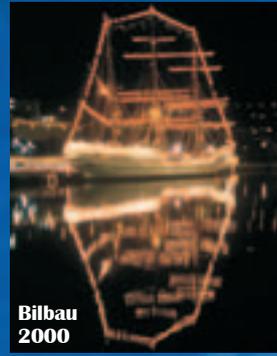
Portimão



Albert Leo Schlageter - 1938



Navios irmãos em Kiel - 1939



Bilbau  
2000

Chegada a Lisboa  
23 Jun 1962



R. Chapelet no Pacífico - 1978



# NAVIO ESCO EMBAIXADOR 75 ANOS A

Guanabara



Com Amália em Tóquio  
1993



Lisboa - 1983

Lançamento à água  
Hamburgo - 30 Out 1997

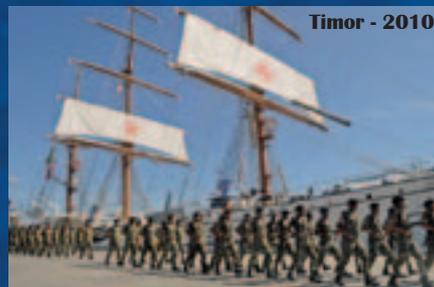


Canal do Panamá  
1992



Funchal - 2002

Cidade do Cabo - 1993



Timor - 2010

Cabo Horn - 2010



Canal de Corinto - 2004



Glaciar - Canal do Beagle - 2010

Boston - 1992





Barra de Aveiro - 2003



1ª guarnição - 1962



San Francisco - 1978

# LA SAGRES R ITINERANTE NAVEGAR



5 Navios irmãos  
Newport - 1976



Antigos Comandantes - 8 Fev 2011



Canal de Kiel - 1995



Xangai - 2010



Ilhéu das Rolas - 2008



Bermuda - 1976



Goa - 2010



St. Malo - 1994



Canal do Suez - 2010



Nova Iorque - 1992

# TOMADAS DE POSSE

## DIRETOR INTERINO DO SERVIÇO DE FORMAÇÃO

● No dia 12 de outubro, tomou posse o Diretor Interino do Serviço de Formação, CMG ECN Rapaz Lérias, em cerimónia que decorreu no Gabinete do Superintendente dos Serviços do Pessoal, presidida pelo VALM Bonifácio Lopes. Assistiram à cerimónia diversos oficiais gerais e numerosos oficiais superiores, bem como a maioria dos oficiais, sargentos, praças e civis que prestam serviço na DSF. Das palavras proferidas na ocasião pelo novo Diretor sublinha-se a ênfase colocada na qualidade e na proficiência do capital humano como elementos decisivos para o cumprimento eficiente e eficaz da missão, sendo incontornável o papel que a formação desempenha para esse efeito e por consequência, as elevadas responsabilidades que assim disciplinam o funcionamento DSF. Referiu ainda que fará incidir grande parte do seu esforço de modernização e de inovação no estudo, no desenvolvimento e na aplicação, se possível alargada, de metodologias educativas e formativas que radiquem no chamado ensino a distância suportado por plataformas informáticas e eletrónicas, visando flexibilizar a utilização do tempo e reduzir adversidades de contexto.

Por seu lado o VALM SSP realçou que o desafio que se coloca à DSF é, tão só, o de buscar a excelência do Sistema de Formação Profissional da Marinha (SFFPM), assegurando dinamismo na sua administração, rigor no seu funcionamento e qualidade na formação ministrada, promovendo, ao mesmo tempo, o reconhecimento, interno e externo, do potencial e da valia das qualificações conferidas. Acrescentou que deverá ser assegurado o maior rigor e nível de exigência na ação, para se atingirem elevados padrões na gestão corrente do SFFPM, com

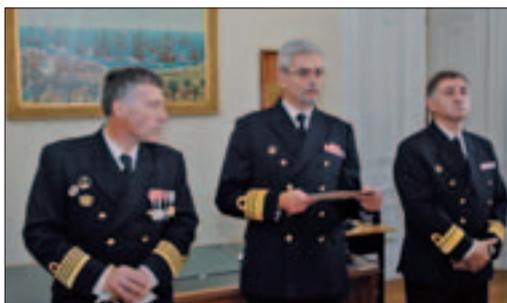


Foto João Tito

a cooperação das escolas, em especial das respetivas estruturas técnico-pedagógicas, tendo presente que, no que releva para a atividade formativa, as escolas e centros de formação do SFFPM trabalham em conjunto com a DSF e respondem funcionalmente perante o seu diretor, importando, assim, garantir um bom entrosamento entre a direção e as entidades formadoras do Sistema, com vista a viabilizar uma mais fácil operacionalização das orientações

fixadas e a garantir o aproveitamento de sinergias.

No final das alocações, o CMG Rapaz Lérias, que sucede no cargo ao CALM Bastos Ribeiro, foi cumprimentado por todos os presentes.

O CMG ECN Rui Manuel Rapaz Lérias nasceu em Setúbal, ingressou na EN, tendo iniciado a sua carreira como oficial em 1979. Serviu consecutivamente a bordo durante sete anos, nos NRP's *João Roby* e *Almirante Magalhães Corrêa*, onde ocupou o cargo de chefe de departamento de Propulsão e Energia. Durante este período, participou em diversos exercícios e operações nacionais e NATO, integrando por duas vezes a STANAFORLANT. Depois de obter o grau de mestre em arquitetura naval militar no Reino Unido, foi chefe da Divisão de Construção Naval do extinto Gabinete de Estudos e desempenhou diversificadas funções nos grupos de projeto ligados à aquisição dos Submarinos classe "Tridente" e dos NPO classe "Viana do Castelo", tendo chefiado ambos os grupos entre 2001 e 2004. Foi chefe do Departamento de Construções da DN e mais tarde Subdiretor dessa direção, depois de uma breve passagem como assessor da Administração do AA. Ocupou desde o início de 2008 até fins de 2011 os cargos de Coordenador das Áreas de Ensino de Administração e de Ensino Específico da Marinha no IESM. Posteriormente, foi assessor do VALM VCEMA.

Frequentou os três cursos de carreira (CGNG, CCNG e o CPOG) bem como outros cursos de natureza específica vocacionados para área do material. Na sua folha de serviço constam vários louvores e condecorações.

## DIRETOR DO INSTITUTO DE SOCORROS A NÁUFRAGOS

● Em 6 de setembro, no Instituto de Socorros a Náufragos, presidido pelo VALM DGAM/CGPM, teve lugar a tomada de posse do novo Diretor do ISN, CMG Peixoto de Queiroz, em substituição do CMG Costa Andrade. Assistiram à cerimónia, Oficiais Gerais, Oficiais Superiores e Civis (incluindo Tripulantes dos Salva-Vidas), pertencentes à Autoridade Marítima, Comando Naval, Corpo de Fuzileiros e CITAN.

Estiveram também presentes representantes das seguintes entidades civis: Municípios de Oeiras e Caxias, da Proteção Civil e Bombeiros, Associações de Nadadores Salvadores e Clubes Náuticos, representantes das Marinas locais, Concessionários de Praia, e representantes das administrações da "VODAFONE" e "SIVA".

Após a leitura da OA, e a condecoração com a Medalha de Serviços Distintos-Prata do anterior Diretor, usou da palavra o novo Diretor destacando-se as seguintes passagens:

*"No âmbito do salvamento marítimo e socorro a náufragos, encontrando-se as Estações Salva-Vidas dotadas de modernas embarcações salva-vidas, essencialmente operadas por pessoal do quadro privativo do ISN, na dependência operacional da Autoridade Marítima Local, o Capitão do Porto, constitui preocupação que este quadro de pessoal apresente um défice de cerca de 40 por cento nas existências e uma média de idades superior a 50 anos. No entanto as dificuldades indicadas não serão fator de desalento, constituindo pelo contrário, um estímulo e um incentivo ..."*



No final o VALM DGAM/CGPM, referiu designadamente:

*"...Nos últimos 6 anos, ocorreram alterações significativas no quadro jurídico enquadrador da matéria de assistência a banhistas nas praias, e que tem a sua origem na Lei n.º 44/2004, de 19AGO, da Assembleia da República.... O ISN é, atualmente, uma referência internacional em matéria de socorros a náufragos e assistência a banhistas, tendo granjeado prestígio para*

*Portugal e para a Autoridade Marítima designadamente no âmbito da CPLP."*

O CMG José António Peixoto de Queiroz nasceu em Lamego, e ingressou na Escola Naval em 1980 e concluiu o curso de Marinha em 1985.

Especializou-se em armas submarinas em 1987, concluiu o curso geral naval de guerra em 1998 e o curso de promoção a oficial general em 2012.

Comandou o NRP Ribeira Grande, foi Oficial Imediato do NRP CTE Hermenegildo Capelo e NE Polar, foi adjunto do Comandante do Agrupamento de Navios Hidrográficos e desempenhou também funções nos NRP Jacinto Cândido e CTE Hermenegildo Capelo.

Foi formador na Escola de Armas Submarinas e Escola Naval, Chefe da Secção de Movimentos da Repartição de Sargentos e Praças, Diretor das Escolas Armas Submarinas e Informações em Combate, Diretor Escolar do Grupo n.º 2 de Escolas da Armada, Chefe da Repartição de Tecnologias da Formação da Direção do Serviço de Formação, Oficial Adjunto do Capitão do Porto de Lisboa, Chefe da Repartição de Sargentos e Praças da Direção do Serviço de Pessoal, Capitão dos Portos de Lisboa e de Cascais, Chefe do Departamento Marítimo do Centro e Comandante Local e Regional da Polícia Marítima.

Na sua carreira foi agraciado com vários louvores e condecorações.

## COMANDANTE DA ESCOLA NAVAL

● Em 24 de outubro ocorreu na EN a cerimónia de entrega de comando, do CALM Seabra de Melo ao CALM Bastos Ribeiro.

Presidida pelo ALM CEMA, estiveram presentes diversas entidades militares e civis, destacando-se as presenças, da Presidente da Câmara Municipal de Almada, da Magnífica Reitora da Universidade Católica, dos almirantes Vieira Matias e Vidal Abreu, antigos CEMA's e outros representantes de diversas instituições de ensino superior.

O CALM Seabra de Melo, no seu discurso, utilizou palavras de profundo significado: "(...) Preparar as novas gerações de oficiais. Vê-los crescer como homens e mulheres e marinheiros. Ensinar a navegar. Destacar os seus traços mais nobres de carácter. Inculcar confiança e esperança. Conferir competências. Transmitir o saber e o saber fazer. Ministrando bases académicas sólidas. Desenvolver sabedoria, significado de cultura e ciência. Inculcar princípios e valores de cidadania. Acreditar. Acreditar de verdade! E vê-los partir a cumprir o desígnio do nosso país de Mar". "Foi um enorme privilégio ter comandado a Escola Naval (...)".

Por sua vez, o CALM Bastos Ribeiro lembrou a sua passagem pela Escola Naval, há 30 anos, e afirmou que a sua linha de ação "(...) será uma linha de continuidade, ajustando e reforçando as ações em torno de três eixos principais definidos: a valorização da especificidade militar-naval da Escola Naval, a melhoria do ensino, investindo nos professores e nos cadetes, e o reforço da abertura ao exterior (...)".

No final, o Almirante CEMA salientou, do anterior Comandante, "(...) a capacidade de liderança, o seu carisma, o seu empenho e o seu espírito de concretização, bem patentes nos resultados escolares obtidos e na obra que deixa feita (...)", destacando ainda algumas das concretizações mais



significativas, nomeadamente, a consolidação do processo de Bolonha, a maior abertura da EN ao exterior, a consolidação das Jornadas do Mar e, ainda, a crescente operacionalização do Centro de Investigação Naval. Relembrou que "(...) num momento de constantes mudanças e múltiplos desafios, estão em jogo importantes processos com impacto estruturante na Marinha, processos esses que exigirão (...) uma total dedicação, espírito de abertura, dinamismo, capacidade de influência e especial acutilância (...)".

O CALM Edgar Marcos de Bastos Ribeiro nasceu em Lisboa e entrou para a EN tendo sido promovido a G/M em outubro de 1982.

Serviu a bordo de diversas UN's, tendo a última comissão sido desempenhada como imediato do NRP *Corte Real*, período em que integrou a STANAVFORLANT, participando na operação "Determined Force" no Kosovo e no processo da Guiné-Bissau.

Até 1993 foi Chefe do Departamento Técnico Pedagógico da Escola de Eletrotécnica e Secretário Escolar desta escola e a partir daquela data Chefe do Centro de Estudos de Pessoal do gabinete do SSP.

Prestou serviço na Divisão de Pessoal e Organização do EMA, na área de obtenção de recursos humanos, e posteriormente prestou serviço no Gabinete de Estudos e Planeamento da DSP.

Em Setembro de 2005 iniciou uma comissão na Representação Militar de Portugal junto da NATO e da União Europeia, desempenhando as funções de Oficial Adjunto do MILREP para a União Europeia. Depois de ter concluído o Curso de Promoção a Oficial General, assumiu o cargo de Chefe da Divisão de Logística do EMA até Abril de 2011 e, a partir desta data, o de Diretor do Serviço de Formação.

Frequentou a especialização em Eletrotécnica, o CGNG e o CCNG, o Curso de Estados-Maiores Conjuntos, o "Senior Course 106", no Colégio de Defesa NATO em Roma, e o CPOG.

Ao longo da sua carreira recebeu vários louvores e condecorações.

## COMANDANTE DA UAICM

● Em 18 de novembro realizou-se a cerimónia de tomada de posse do Comandante da Unidade de Apoio às Instalações Centrais de Marinha, CMG Noronha Bragança, que foi presidida pelo VCEMA, VALM Carvalho Abreu. Estiveram presentes diversas entidades designadamente o IGM, o CN, o SSP, o SSTI, entre outros oficiais e elementos da guarnição da Unidade de Apoio. A cerimónia foi iniciada com a leitura de um louvor ao Comandante cessante, CMG Ferreira Seuanes.

Após a leitura da ordem, o recém-empossado Comandante da UAICM usou da palavra destacando o papel da Unidade: "À UAICM cabe prestar apoio ao funcionamento às unidades, estabelecimentos e órgãos sediados nestas instalações, traduzido na execução das atividades de natureza administrativa e logística, no garante da segurança, na manutenção da ordem e disciplina nas áreas que são da sua responsabilidade e, finalmente, assegurando a manutenção e conservação das instalações em áreas que não sejam da responsabilidade específica de outras unidades. (...) Contudo, estou ciente de que o cumprimento deste desiderato só será possível através de um empenhamento colaborativo e solidário constante entre todos os intervenientes no processo. (...)".

Referiu ainda que: "A nossa Unidade, por força da sua missão e localização, tem uma reconhecida interação com a envolvente interna e externa. (...)".

Usou em seguida da palavra o VALM Carvalho Abreu, de que se salienta: "Esta missão requer necessariamente recursos adequados mas também firmeza e persistência nos objetivos fixados que, em tempos de mudança, exigem por sua vez grande capacidade de diálogo com todos os organismos apoiados, sem esquecer as instalações do ex-ISNG, na Junqueira, onde continuaremos igualmente a prestar apoio a outros organismos externos aí instalados (...)". Por isso em



Foto: J. Tito

tempo de restrições será na área do apoio onde eventuais poupanças terão que ser procuradas. Tal implica grande exigência e rigor, transparência nos processos e clareza nos objetivos, liderança firme mas privilegiando o trabalho de equipa. (...) A busca de sinergias e complementaridades tem que ser também uma preocupação constante e não apenas no âmbito interno." (...) Considero estas orientações não só atuais mas cada vez mais pertinentes, em face da difícil situação financeira que o País atravessa, devendo por elas nortear a sua ação de Comando".

O CMG Nuno António de Noronha Bragança frequentou o Curso de Marinha da EN tendo sido promovido a G/M em outubro de 1988.

Especializou-se em Comunicações e possui um mestrado em Comportamento Organizacional no Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Frequentou ainda, entre outros, o CGNG, o Curso Monográfico de Introdução à Comunicação Social, o Curso de Estados-Maiores Conjuntos, o ESDP Foundation Training Programme, frequentado no Instituto de Estudos Superiores Militares em Paris e o NATO CIS Orientation Course em Latina.

Desempenhou diversas funções a bordo de várias UN's de onde se destacam as funções de Chefe do serviço de comunicações a bordo dos NRP's *João Coutinho*, *São Miguel* e *Baptista de Andrade*, tendo comandado o NRP *Limpopo*.

Em terra, foi comandante de Companhia de Cadetes do Corpo de Alunos da EN, Diretor da Estação Radionaval de Ponta Delgada, exerceu funções no EMA na Divisão de Pessoal e Organização, desempenhou as funções de Ajudante de Campo e Assessor Militar do Presidente da República, exerceu funções de oficial de Estado-Maior internacional, *European Union Military Staff* (EUMS - Bruxelas), exerceu as funções de Diretor do Centro de Comunicações, Dados e de Cifra da Marinha em acumulação com as funções de Chefe da Divisão de Comunicações e Sistemas de Informação do Estado-Maior do Comando Naval.

Foi distinguido com vários louvores e condecorações.

# Comandante Filomeno da Câmara

## MARINHEIRO, GOVERNADOR ULTRAMARINO E POLÍTICO

Nascido em Ponta Delgada a 10 de Fevereiro de 1873, Filomeno da Câmara Melo Cabral ingressou na Escola Naval em Novembro de 1890. Promovido a guarda-marinha em Agosto de 1893, esteve embarcado nas canhoneiras *Limpopo e Douro*, na corveta *Bartolomeu Dias* e na barca *Cabinda*, navios que prestavam serviço na Estação Naval de Angola. Ascendeu ao posto de 2º tenente em Março de 1895 e regressou a Lisboa em Junho tendo então prestado serviço na corveta *Duque de Palmela* e na canhoneira *Tejo*. Em Dezembro seguiu para a Índia para assumir o seu primeiro comando no mar, o da canhoneira *Bengo* onde, em 1898, foi louvado por *haver conjuntamente com outros oficiais feito o importante levantamento da planta hidrográfica da enseada da Aguada e da barra do rio Mandovy*.

A sua estadia na Índia prolongar-se-ia até Setembro de 1906 como capitão do porto de Mormugão (Agosto de 1900 a Novembro de 1905), cargo durante o qual foi promovido a 1º tenente (Outubro de 1902) e em serviço na Repartição de Agrimensura da Índia, tendo na ocasião sido louvado *pelo muito zelo, inteligência e dedicação, especialmente, no importante serviço de montagem e organização do laboratório de terras e minerais*.

Chegado a Lisboa, em Outubro de 1906, foi nomeado comandante do navio transporte *Álvaro de Caminha* em Junho do ano seguinte, tendo efectuado viagens no Índico e no Atlântico Sul até Maio de 1909, data em que assumiu, em Luanda, o cargo de Chefe do Estado Maior da Divisão Naval do Atlântico Sul, que terminou em Julho.

Desde a promoção a guarda-marinha tinha passado praticamente todo o seu tempo de serviço em Angola e na Índia. Em Agosto de 1909 foi nomeado Capitão do Porto de Viana de Castelo mas em Outubro do ano se-

guinte é proclamada a República e o tenente Filomeno da Câmara, desde jovem convicto seguidor das ideias do novo regime político, assume o cargo de Governador da Província de Timor. Um novo ciclo se iniciava na sua carreira, a de governador ultramarino. Acon-



Primeiro Tenente Filomeno da Câmara.

teceu que entretanto o gentio timorense se tinha sublevado, principalmente nas zonas da fronteira, devido não só a recentes alterações administrativas, que limitaram o poder dos liurais, como também incentivados à revolta por parte dos vizinhos holandeses. Julga-se que a mudança da bandeira nacional, considerada tradicionalmente um objecto sagrado, pode ter contribuído para a situação. Na véspera do Natal de 1911, em Same, na Costa Sul, foram assassinados, por ordem do liurai D. Boaventura, uma dezena de europeus. Era o início da denominada *Guerra do Manufai*.

O governador, que tinha assumido o cargo em Janeiro, apesar de se estar em plena época das chuvas, período nada propício a operações terrestres, tornou logo a iniciativa de neutralizar, de um modo rápido e enérgico, a revolta, tendo chamado a si o comando directo das colunas militares. Esta presença física do governador no teatro das operações constituiu um facto excepcional, para aquele tempo, no Ultramar Português. Após oito meses de duros combates em Agosto de 1912 a paz voltaria a Timor.

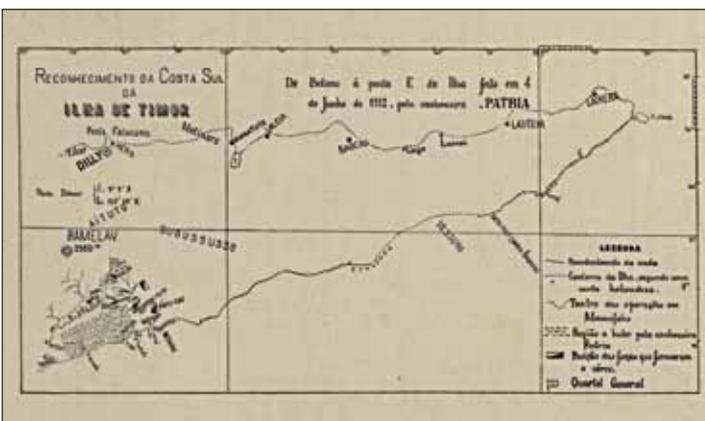
O Governador Filomeno da Câmara, que deve ser considerado o vencedor da *Guerra do Manufai*, uma das mais duradouras e complexas campanhas militares portuguesas do século XX e que constituiu, desde sempre, o maior levantamento indígena contra a presença portuguesa em Timor, foi agraciado com o Comenda da Ordem Militar da Torre e Espada, *pela sua actuação como Comandante – chefe de todas as forças em operações no período de 5 de Janeiro a 12 de Agosto de 1912*. No seu Livro Mestre constam 221 dias de campanha: *Comandante em chefe de todas as forças em operações fazendo parte das operações em Mano-Cate, Leque-Doi, Dailor, Maubisse, Mau-Lau, Aituto e Manofai; tomou parte nos reconhecimentos de Mano-Cate, Leque-Doi, Dailor, Maubisse, Mau-Lau. Aituto e Manofai; nos ataques de Lelais, Tuman, Fatu-Besse, Hato-Gade, Tatu-Bute, Cablac, Tyame-Namo, Riach, Leo-Laco e nos cercos de Tuman, Liuro-Coa, Fatu-Besse, Riach e Leo-Lac, de 5-1-1912 a 12-8-1912*.

Note-se que para o êxito desta campanha muito contribuiu a participação da canhoneira *Pátria* comandada pelo capitão-tenente Gago Coutinho, no apoio logístico, principalmente de fogos às operações terrestres nas quais se incorporaram membros da sua guarnição.

Em Julho de 1913 o governador deslocou-se a Lisboa, por ordem do Ministro das Colónias, já que tinham surgido uma série de



Canhoneira Bengo.



Reconhecimento da Costa Sul da Ilha de Timor efectuado pela canhoneira *Pátria*. Anais do Clube Militar Naval – NOV/DEZ de 1912.

queixas sobre a sua possível crueldade quando de um episódio da *Guerra do Manufai* em que perdeu a vida um número muito significativo de timorenses. Após esclarecida a situação, a intriga política estava no seu apogeu, foi reconfirmado no cargo de governador, tendo regressado ao território em Fevereiro de 1914.

Além da intervenção na *Guerra do Manufai* a sua acção foi notória em várias áreas da governação, especialmente no âmbito do fomento agrícola, a única actividade com algum relevo em Timor e no desenvolvimento dos transportes e das rodovias. Igualmente durante o seu governo foi aberta em Díli uma agência do Banco Nacional Ultramarino que passou a apoiar a vida económica local, criada e primeira Escola de Artes e Ofícios e iniciada à exploração de jazidas petrolíferas.

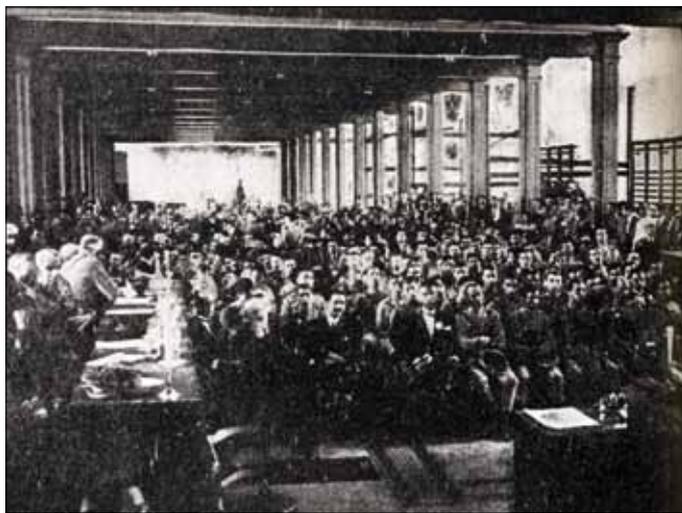
Quando em Setembro de 1917, tinha entretanto sido promovido a capitão-tenente em Junho de 1915, terminou o seu governo, o Comandante Filomeno Câmara deixou Timor em paz interna que só seria interrompida durante a ocupação japonesa (1942-1945) e mais tarde a partir de 1974. Promovido a capitão-de-fragata em Maio de 1918, foi em Setembro nomeado Governador Geral de Angola, cargo que exerceu por um curto período. A morte do Presidente Sidónio Paes, de quem era apoiante, provocou mudanças na política governamental o que levou à sua exoneração em Março de 1919.

Após nove anos de governos ultramarinos voltou, a partir de Junho de 1919, à Marinha para prestar serviço na Superintendência da Base Naval de Lisboa e no comando do cruzador *S. Gabriel*. De Setembro de 1920 a Junho de 1922 esteve destacado na Companhia de Moçambique, tendo retornado à Marinha em Janeiro de 1923 como Chefe de Repartição do Pessoal. Em Maio foi nomeado Comandante do contratorpedeiro *Tejo* e em Julho de 1924, designado para Capitão do Porto de Caminha.

Entretanto a I República entrava em declínio, a instabilidade política era uma constante e por consequência os movimentos insurreccionais sucediam-se. O comandante Filomeno da Câmara, pertencente à ala republicana mais conservadora, tornou-se um activista político, especialmente como dirigente da Cruzada Nun'Alvares, movimento que, perante uma situação que se ia deteriorando, conseguiu algum destaque e intervenção. Iniciou então um período de quatro anos em que apoiou e por vezes promoveu diversas tomadas de posição política contra o Governo.

Logo em Agosto de 1924 foi julgado por actividades conspirativas, sendo posteriormente absolvido. Liderou, acompanhado de Raul Esteves e de Sinel de Cordes, a Revolução

de 18 de Abril de 1925 da qual resultou a sua prisão, que terminou em Setembro após julgamento em Tribunal Militar, reunido na Sala do Risco do Arsenal da Marinha, onde foi absolvido. É então eleito deputado pelo círculo eleitoral da Ponta Delgada, incluído na lista do Partido Nacional Republicano.



Tribunal Militar – Sessão realizada na Sala do Risco do Arsenal da Marinha, 1925.

Implicado no Movimento do 28 de Maio de 1926 será um elo de ligação dos sublevados com o General Gomes da Costa que tinha iniciado o Movimento em Braga. Na sequência da vitória do 28 de Maio exerceu



Filomeno da Câmara – Capitão-de-fragata.

o cargo de Ministro das Finanças entre 19 de Junho e 9 de Julho de 1926. No mês seguinte passou à Direcção Geral das Colónias e voltou à Companhia de Moçambique até Maio de 1927. Regressado a Lisboa envolveu-se novamente na política ao dirigir uma intonação contra o Governo de Ditadura Militar. Esta revolta, que ficou conhecida pelo *Golpe dos Fifis* (por nele também ter participado Fi-

delino de Figueiredo, Director da Biblioteca Nacional), tinha como objectivo aumentar o poder autoritário do regime. Derrotado o Golpe o Comandante Filomeno da Câmara foi desterrado para S. Tomé, transitando na mesma situação, em Março do ano seguinte, para Ponta Delgada.

As alterações na política portuguesa eram sucessivas e assim terminou o seu exílio, em Junho de 1928, sendo nomeado, em Novembro, Alto-Comissário e Governador-Geral de Angola e em Março de 1929 promovido a capitão-de-mar-e-guerra. Perante a instabilidade política então vivida em terras angolanas a sua governação foi exercida com firmeza e autoritarismo, situação que propiciou a reacção do Comando Militar local contra a Administração Pública de Angola, concretizada na revolta que, em 20 de Março de 1930, eclodiu em Luanda. Foi chamado a Lisboa e demitido de governador em Abril, já que se tornava urgente optar por uma política de apaziguamento no território.

Entretanto o *Estado Novo* ia-se consolidando e por esse motivo os movimentos revolucionários e os golpes políticos foram diminuindo. O seu intervencionismo político, que praticamente tinha durado desde a implantação da República, terminou com a nomeação, em Maio de 1930, para o cargo de Director dos Serviços Marítimos do Arsenal da Marinha. Começava o ciclo final da sua carreira naval.

Exerceu o seu último comando no mar de 18 de Agosto a 6 de Outubro de 1931, período em que desempenhou o cargo de Comandante de Flotilha Ligeira de Exercícios, durante o qual foi graduado em Comodoro. Em Setembro de 1931 assumiu as funções de Subchefe de Estado Maior Naval e de Vogal da Comissão Técnica de Educação Física da Armada. Fez parte em 1932 de uma Comissão relacionada com a Conferência do Desarmamento e de outra constituída para estudar a futura instalação do Centro de Aviação Naval de Lisboa. A sua derradeira nomeação data de Agosto de 1933 para exercer interinamente o cargo de Chefe do Estado-Maior Naval.

Em 27 de Janeiro de 1934 falecia em Lisboa o Capitão-de-mar-e-guerra Filomeno da Câmara Melo Cabral que durante a sua longa e variada carreira de quatro décadas e meia comandou navios, governou Timor e Angola, administrou a Companhia de Moçambique, interveio activamente na política, liderando alguns movimentos insurreccionais e finalmente desempenhou os mais elevados cargos no Estado Maior Naval.

  
José Luís Leiria Pinto  
CALM



## Exposição alusiva ao 90º aniversário do raid aéreo entre Lisboa e o Funchal

Desde julho de 2011 a Marinha teve patente ao público na Região Autónoma da Madeira (RAM) uma exposição itinerante alusiva ao 90º aniversário do raid aéreo entre Lisboa e o Funchal.

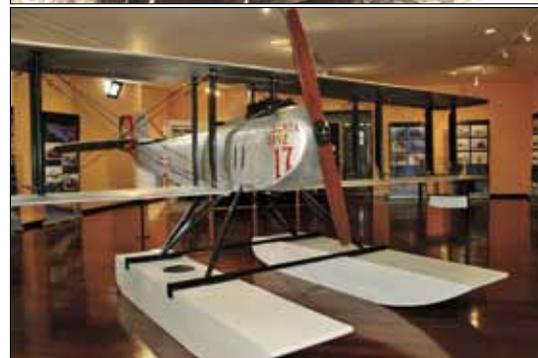
Cedida pelo Museu de Marinha e constituída por uma réplica do hidroavião Fairey III D "Santa Cruz", painéis ilustrativos, instrumentos de navegação e obras alusivas ao feito, este espólio percorreu diversos espaços em vários Concelhos da RAM: Santa Cruz (aeroporto), Funchal (gare marítima do porto do Funchal, Fórum Madeira, Madeira shopping e Madeira Tecnopolo), Caniço (Caniço shopping), Calheta (centro das artes "Casa das Mudanças"), Ribeira Brava (edifício dos Paços do Concelho), Porto Moniz (Centro Ciência Viva do Porto Moniz), Câmara de Lobos (Casa da cultura), Machico (Fórum Machico) e Porto Santo (Centro cultural e de congressos do Porto Santo).

Destinada a celebrar a efeméride, recordando o feito protagonizado pelos oficiais de Marinha, Gago Coutinho, Sacadura Cabral e Ortins de Bettencourt, acompanhados pelo mecânico Roger Soubiran, a exposição foi muito apreciada pelo público tendo igualmente sido visitada por alunos de várias escolas dos Concelhos percorridos.

Terminado o périplo e decorrido mais de um ano da sua divulgação, cabe um especial agradecimento à disponibilidade e apoio prestados pelas seguintes entidades que colaboraram com a Marinha nesta iniciativa: Administração dos Aeroportos e Navegação Aérea da Madeira, Administração do Caniço Shopping, Administração do Fórum Madeira, Administração do Madeira Shopping, Administração do Madeira Tecnopolo, Administração dos Portos da Região Autónoma da Madeira, Câmara Municipal de Machico, Câmara Municipal da Ribeira Brava, Direcção da Casa da Cultura de Câmara de Lobos, Direcção do Centro das Artes "Casa das Mudanças", Direcção do Centro Ciência Viva do Porto Moniz, Direcção do Centro Cultural e de Congressos do Porto Santo, e Força Aérea Portuguesa.



Colaboração da COMISSÃO CULTURAL DA MARINHA



Exposição na Casa da Cultura de Câmara de Lobos.



É uma clínica privada, licenciada pelo Ministério da Saúde, especializada na prestação de serviços de oftalmologia. Com sede em Lisboa e recentemente em Almada, está preparada para responder ao tratamento de todas as patologias oftalmológicas com técnicas inovadoras adequadas ao diagnóstico e tratamento da patologia ocular e visual. Está dotada de tecnologias de ponta e aplica técnicas mais recentes, acompanhando os avanços realizados nesta área da saúde, destacando-se na Cirurgia Refractiva.

Acordos: ADM, ADSE, AdvanceCare, Ass. Mutualista Montepio, CGD, Companhias de Seguros, Future Healthcare, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Maxicare, Medicare, Médis, Multicare, Ordem dos Engenheiros, PSP, PT/ACS, RTP, SAMS Quadros, SAMS-SBSI, SAMS-SIB, Sávda, Serviço Médico Permanente, SSGNR. Solidariedade com: Casa do Artista, Casa do Gil, Obra do Ardina.



### LISBOA

#### Consultas de Oftalmologia

\*Geral e Especialidade

#### Terapêutica Fotodinâmica

#### Cirurgias

- \*Catarata
- \*Glaucoma
- \*Lentes Intra-oculares
- \*Vítreo-retiniana

#### Exames

- \*Angiografia Verde Indocianina
- \*Estudos Electro Fisiológicos - Adultos e Crianças
- \*Microscopia Espacular
- \*Topografia Corneana (Orbscan)
- \*UBM
- \*Todos os realizados em Almada

#### Cirurgia Laser

(Excimer) – Lasik

- \*Miopia
- \*Hipermetropia
- \*Astigmatismo

#### Fentosegundo

- \*Transplantes
- \*Anéis Corneanos
- \*Queratoplastia

### ALMADA

#### Consultas de Oftalmologia

\*Geral e Especialidade

#### Exames

- \*Perimetria Computorizada
- \*Angiografia Fluoresceínica
- \*Retinografia
- \*Ecografia
- \*Paquimetria
- \*Biometria
- \*OCT

#### Tratamentos Laser Argon e Yag

- \*Diabetes
- \*Glaucoma

### Localização

Av. D. Nuno Álvares Pereira nº 76A | 2800 - 177 Almada  
Tel.: 212 738 050 | Fax: 212 738 059

Rua Dr. Nicolau de Bettencourt, nº 39 e 41 | 1050 - 078 Lisboa  
Tel.: 213 838 560/2 | Fax: 213 838 569

[alm.omc@alm.pt](mailto:alm.omc@alm.pt)

[www.alm.pt](http://www.alm.pt)

# O GAMMA

**E** escrever sobre o Grupo de Amigos do Museu de Marinha (GAMMA) é percorrer, desde 1955, uma já longa história, estava então o Museu acanhadamente instalado no Palácio dos Condes Farrobo, às Laranjeiras e, consequentemente, vedado ao público.

Só um estudo aturado das Actas permitiria determinar se esta não terá sido uma das boas razões para que um grupo de notáveis, onde figura Gago Coutinho, se decidisse a fundar em Dezembro e formalizar a sua constituição, no dia 14 do mês seguinte, data que, nos últimos anos, celebramos anualmente com um jantar, lançando, a par, um selo GAMMA.

## FUNDADORES

Almirante Gago Coutinho, Almirante Afonso Cerqueira, Contra-Almirante Alfredo Motta, Comandantes António Esparteiro, Jayme Corrêa do Inso e Álvaro Gil Fortée, Comandante da Marinha Mercante Luís Armando de Loura, o Conde de Arcos, D. José de Alarcão, o Marquês de Rio Maior, D. João de Oliveira e Sousa, José Manuel de Mello, o Embaixador Pedro Theotónio Pereira e o jornalista Maurício de Oliveira.

De acordo com a abrangente orgânica do antigo Ministério da Marinha, embora entregue aos cuidados da Armada (AP), é o Museu DE Marinha e não DA Marinha (de Guerra) sendo, hoje, a Sociedade Civil levada, perniciosamente, a pensar, apercebemo-lo cá fora, que se trata de uma "coisa" de militares "delirando" por mais... submarinos<sup>1</sup>.

Mesmo sob administração militar-naval, a mais adequada, a organização da sua exposição, com salas da Marinha Mercante (a de Comércio, no mar e rios, e a de Pesca, desde a Faina Maior<sup>2</sup> às águas interiores) e a de Recreio dá disso largo testemunho.

A Armada está representada pelos modelos dos navios da nossa Marinha de Guerra, pelos meios que em terra (desde o Arsenal<sup>3</sup> à Banda) e até no ar a servem, sem esquecer os homens, dos anónimos aos heróis, que lhe deram e dão vida desde a criação, em 1621, do Terço da Armada Real da Coroa de Portugal<sup>4</sup> onde estamos para, com honra, Honrar a Pátria.

Desde a fundação, normalmente presidida a sua Assembleia Geral por distintos almirantes, muitas vezes antigos presidentes da sua Direcção, mantem o GAMMA relações estatutariamente definidas com o Director do Museu de Marinha, embora, desde fins de 2011, este



Jantar dos 55 anos



Visita guiada aos Jovens da "FAVA" (Porto)



Visita guiada de Amigos ao núcleo museológico do HM



Tripulação da "Boneca" no Alfeite

tenha ficado na dependência do novo Director da Comissão Cultural,

Embora nos centremos no que está a ser feito, não esquecemos as Direcções anteriores que se empenharam na actividade do GAMMA como, aliás, o testemunham, entre outras iniciativas, as doações e a preservação do nosso património marítimo que inclui a «Boneca», a nossa canoa do Tejo.

A actual Direcção apresentou-se, em 2009, com 24 projectos, dois deles herdados, o das Conversas Informais (CI) que iniciámos em 2007 e o da «Boneca», e, até ao fim do nosso 2.º mandato mais 16 novos projectos, embora tivéssemos de abandonar quatro e mantivemos, outros tantos, em estudo.

Havia que aumentar o número de Amigos e baixar a média etária (60 anos). Somos hoje mais 26 Amigos e mais "jovens" (52!), num total de 363, o que, claro, não nos pode satisfazer.

Reduzimos substancialmente as quotas para militares por já terem acesso gratuito aos Museus dos Ramos e criámos apelativas quotas. Continua a faltar-nos massa crítica...

Para trazer mais pessoas ao Museu, promovendo Visitas Guiadas (VG) vivas, preparámos, com o Serviço Educativo (SE/MM), o nosso Corpo de Guias que tem já acompanhado Amigos e visitantes nacionais, de todas idades, e estrangeiros, em Português, Francês e Inglês. Da Argélia, Austrália... UK, USA.

Aos nossos Amigos proporcionámos VG aos Polos museológicos da Armada e aos Museus Militar (Exército), do Ar (FAP), do Mar (Cascais) e da Sociedade de Geografia. No de Arte Antiga comemorámos os 500 anos da conquista de Goa (25NOV1511)<sup>5</sup>. Todas seguidas de um Almoço de Convívio!

Fomos, em Lisboa (30) e em Aveiro (12) ao veleiro "Santa Maria Manuela", e aí, claro, ao Museu Marítimo de Ílhavo. Mas tencionamos ir mais longe! Barcelona...

Já no seu 5.º ano, prosseguem, no 3.º Sábado do mês, às 1100 horas, as Conversas Informais (CI), com cerca de 30 presenças (excepcionalmente, 80), com temas alicerçados nas peças do Museu desde a História (passada e recente) às Tecnologias, sem esquecer os mais candentes temas da nossa relação com o Mar, nem as nossas tradições.

Consulte os títulos até Dezembro, admire os cartazes publicados e apareça! Vale a pena...

A «Boneca» participa em regatas e eventos da "Marinha do Tejo" (criada na sequência, em 2003, do nosso «1.º Encontro de Embarcações Tradicionais») e

faz duas saídas semanais como escola de vela<sup>6</sup>, para alunos do Secundário de Cascais e Carcavelos (c. 2000/ano) e para treino da sua jovem tripulação. Já viu a polo?

Numa iniciativa, do GAMMA, de se retomar uma tradição esquecida, saiu a celebrar a chegada ao Tejo do «Tridente»! Na do «Arpão», coincidente com o 1.º Dia dos Cadetes do Mar, esteve na BNL uma representação da Direcção.

A disponibilização para sair com Amigos continua em aberto e tem ocorrido. Fazemos baptismos de... vela!

Além das bienais Exposições GAMMA já realizadas, duas de Modelismo Amador e duas de Fotografia (destas, a primeira foi à Terceira e à Graciosa e a segunda esteve na ETNA), realizámos a de «Ex-líbris do Mar»<sup>7</sup>, que ali foi e a S. Miguel (Dia da Marinha) e a St.ª Maria (Dia Nacional do Mar)<sup>8</sup>.

O Catálogo da «Ex-líbris»<sup>9</sup>, tem uma qualidade inquestionável. Está esgotado!

As «Comemorações dos 200 anos da Ordem da Torre e Espada» foram complementadas por uma CI e uma VG pelo Museu, continuando-se o levantamento das condecorações depositadas no Museu<sup>10</sup>, algumas delas insuspeitadas raridades.

A Exposição «Um Mar de Peças (da LEGO)», que o GAMMA perseguia há muito, concretizámo-la, a custo zero para o Museu, em Dezembro de 2011, tendo, nessa semana, apesar da concorrência dos «Dinossauros», trazido mais de 3000 visitantes ao Museu. Prevê-se, com a nossa parceira «CAMPLUG», repeti-la.

Para outra, inspirada na «Tintin at Sea»<sup>11</sup>, aguardamos resposta da Fundação Hergé, no sentido de a podermos recriar autonomamente e de raiz.

Colaborámos na «Exposição de Embarcações Tradicionais» da DORNA, com uma CI sobre as «Bateiras da Ria de Aveiro».

Um sucesso de relevo é o nosso projecto interactivo, a «Oficina Viva» (OV) de modelismo que, apoiada por três mecenas<sup>12</sup> e o Museu, funciona no átrio do Planetário.

Com diversas actividades em «terra» e no lago do Museu, está actualmente a construir um modelo dinâmico do «Vouga» e prepara-se, conforme acordámos, para iniciar a construção, para o Museu, de modelos em falta. A «Gina» será o primeiro!<sup>13</sup>

Decorrente do facto de o Museu não mostrar o interior de navios, mais ambicioso é o projecto «CACINE» cuja análise iniciámos, técnica e museologicamente acompanhados, no sentido de, também a custo zero para o Museu, se instalar aquele Patrulha em seco, num fosso, na esplanada do Museu de Marinha, no local actualmente ocupado pelo lago, junto à fachada do Pavilhão das Galeotas.

Apoiado pelo então CEMA, Alm. Melo Gomes, foi o guião apresentado ao antigo



A faixa de saudação ao «Tridente»



II Exposição GAMMA de Modelismo



II Exposição GAMMA de Fotografia



Exposição «Um Mar de Peças»



Um complexo portuário

Presidente e ao actual Director da Comissão Cultural de Marinha (CCM) tendo o GAMMA cumprido as tarefas atribuídas, recolhendo informação a bordo do navio (visitas) e identificando com a empresa o trajecto para ali o instalarmos. E o incontornável Orçamento...

Com o objectivo de promover a auto-construção do famoso «Lusito», mais adequado à aprendizagem da vela do que o «Optimist», e de o pôr a navegar nas albufeiras do interior do País, demos, com um Amigo, um considerável passo ao contactarmos o estaleiro autor do respectivo Kit. Já está pronto!

Um modelo estático do Helicóptero Sea Lynx Mk95, a partir dum raro Kit descoberto no estrangeiro, devidamente caracterizado<sup>14</sup> foi oferecido ao MM, montado numa base especialmente concebida e animado por um documentário, em DVD<sup>15</sup> sobre as suas diversas aplicações na Armada que o grande público conhece mal.

A entrega, muito aplaudida, ocorreu na CI sobre a «História da Aviação Naval» e destinava-se, o conjunto, àquele núcleo mas está já exposto na sala da Marinha (de Guerra) do século XXI.

Orientado para os jovens, projecto mal sucedido mas não abandonado, é o do Prémio Escolar GAMMA<sup>16</sup>.

A iniciativa lançada, em 1998, na Escola Naval, para Universitários (as actuais «Jornadas do Mar»), impunha que agora se abordasse o Secundário.

Inviabilizado, em 2007, o projecto «JAMMA» (J de Jovens), o GAMMA adoptou, em 2009, o projecto «A Minha Escola Adopta um Museu» que continua, com o apoio do SE/MM e de diversos Parceiros, na Escola de Rio Maior e no Museu, envolvendo aí professores, alunos (os Portefólios!) e ... pais. Já deu origem a uma tese de Mestrado!

Interessado, o Ministro da Defesa, em 2010, presidiu, com outras individualidades governamentais, da Armada e do Instituto da Defesa Nacional, ao encerramento das suas actividades.

Neste ano de 2012, aderiu a Escola «Pedro Arrupe», de Lisboa e para este projecto, como para todos os outros, temos tido da parte da Direcção do MM, actual e anterior, uma colaboração que não nos cansaremos de assinalar.

Tendo-se tido, no Verão de 2010, conhecimento da existência dos «Sea Cadet Corps – UK» (SCC-UK)<sup>17</sup>, criámos o «Corpo de Cadetes do Mar – Portugal» (CCM-Pt), com o imperativo patrocínio de S. Exa o Alm. CEMA a fim de podermos integrar a «International Sea Cadets Association» (ISCA) e, assim, completar o projecto anterior.

A divisa «Valor, Lealdade e Mérito» da «Ordem da Torre e Espada» e o dia 29 de Abril foram adoptados pelo CCM – Pt e, celebrando nele o seu primeiro Acto Público, recebemos, em 2011, uma de-

legação do SCC – UK, e em que o Alm. CEMA, Comandante-chefe do CCM-Pt, esteve devidamente representado.

A convite da Academia de Marinha foi aí, a 11 de Outubro de 2011, apresentado o CCM-Pt e dias depois, em Nagoia, Japão, representados na AG da International SC Association (ISCA) por um Amigo, tornámo-nos, agora, com quatro Unidades, duas de Rio Maior, uma de Cascais/Carcavelos e outra de CM/FZ, o 20º país.

Assinado, pelo Almirante Director da Comissão Cultural da Marinha e pelo Presidente do GAMMA, o Protocolo com o CEMA e estruturados os diplomas fundamentais (Estatutos, Regulamento, Plano dos Cursos, Acordos, ...) continuamos a contar com a melhor disponibilidade dos Comandos da Armada como entidade catalisadora do nosso regresso ao Mar.

O Regulamento de Heráldica do CCM-Pt está a ser trabalhado...

Alargámos os contactos e parcerias prosseguindo a consolidação do CCM-Pt e queremos credenciar o GAMMA como entidade de "Formação Náutica".

Neste segundo aniversário tivemos uma delegação de dois Oficiais do SCC-USA<sup>18</sup> e dada a proximidade de datas foi prestada, num jantar no Museu de Marinha, homenagem aos «850 Anos da Ordem de Avis», substanciada por uma palestra do Presidente da Academia de Marinha.

Encerrámos o 2.º Ano Escolar e Operacional em 12 de Junho p.p. na presença do seu Conselho Naval.

Celebrámos o Dia dos Nossos Amigos com um almoço (CI de JUN) e homenageámos um Amigo que nos deixou.

Recolhemos fotos e filmes antigos, para que, em CD/DVD, as memórias do mar se não percam e disponibilizamos, aos nossos Amigos, DVD's de filmes que andam esquecidos.

No âmbito das Relações Externas Nacionais e Internacionais assinámos vários Protocolos<sup>19</sup>.

A pedido da Embaixada da Argélia, iniciámos contactos com arqueólogos subaquáticos daquele país mas outros estrangeiros, maioritariamente Brasileiros, pedem-nos esclarecimentos que vimos satisfazendo e a nossa colaboração e, sobretudo, a dos nossos Amigos tem recebido os maiores elogios.

Nos Cinquenta anos da abertura do Museu de Marinha em Belém (15 de Agosto!) organizámos um desfile de trinta e cinco Automóveis Históricos (Porsches, Jaguares, etc.) que durante hora e meia mostraram em Lisboa o cartaz que anunciava aquela efeméride!

A Angariação de Fundos para as nossas actividades e para as Aquisições e as Doações, são uma premente preocupação que, agravada, enfrentamos... dia a dia.

Vivemos das quotas e da eventual generosidade dos nossos Amigos mas te-



Linx MK95 na sua base



Visita da Escola ao Museu



Visita do Museu à Escola



Assim se iça a Bandeira Nacional – Rio Maior



CCM-PT – A unidade de cadetes do Mar/FZ no Dia do Corpo



Desfile de automóveis históricos

mos à venda os selos GAMMA do ano, o postal da "Boneca", o álbum do "I Encontro de Embarcações Tradicionais do Tejo – 2003" e os polos da "Boneca"... para realizar alguns fundos!

A primeira oferta do GAMMA ao Museu foi um livro de Filippo Pigafetta (1591) e a última, em 2008, um desenho de Stuart Carvalhais relativo à partida para a Travessia Aérea de 1922, noventa anos no passado dia 30 de Março, e, pelo meio, sete embarcações tradicionais, alguns quadros, desenhos e fotografias, medalhas e trajes regionais num total de 18 contributos, alguns deles financeiros.

Inerente a esta faceta está a Divulgação das nossas iniciativas, pensadas para o grande Público mas a procurar cativar novos Amigos.

A Intranet da Armada, a que não temos acesso, tem-nos dado uma colaboração que, aos seus responsáveis, agradecemos vivamente

Se confessámos haver projectos que, com mágoa nossa, se perderam, outros há que revelam dificuldades imprevistas, mas de que não desistiremos.

Inestimável tem sido o apoio recebido da Armada a quem o GAMMA servindo, através do Museu de Marinha, as relações de Portugal com o Mar, também serve.

Nós contamos, claro, consigo!

Rui Manuel Ramalho Ortigão Neves  
Presidente da Direcção do GAMMA

#### Notas

<sup>1</sup> A Comunicação Social, difundindo numa falsa ideia de Paz, induz uma imagem anti-militar e, ignorando persistentemente as potencialidades económicas do Mar, rejeita, suicidariamente, a necessidade de as defender.

<sup>2</sup> A do "Longínquo" bacalhau.

<sup>3</sup> Sala da Construção Naval.

<sup>4</sup> A primeira força regular dos três Ramos das Forças Armadas foi, assim, a Armada.

<sup>5</sup> Diante do retrato de Afonso de Albuquerque.

<sup>6</sup> Em parceria com a Câmara Municipal de Cascais.

<sup>7</sup> Com o apoio da Academia Portuguesa de Ex-Libris (que marcam a propriedade dos livros).

<sup>8</sup> Por atenção da FAP/TAM e, entre ilhas, da AP.

<sup>9</sup> Impresso no IH.

<sup>10</sup> Com o apoio da Sociedade Portuguesa de Falerística (Ciência que estuda as condecorações).

<sup>11</sup> Patente, há anos, no Museu Marítimo de Greenwich, Londres.

<sup>12</sup> Brico-marché e El Corte Inglês (apetrechos) e ST. Gobain (redução de custo dos vidros e instalação).

<sup>13</sup> O NRP «Pero Escobar». Vale a pena espreitar a OV em <http://oficinavivadomuseudemarinha.blogspot.com/> ou em <http://micromagictpt.forum-livre.com/f12-modelismo-nautico-ou-ir-la!>

<sup>14</sup> Por um Piloto da Esquadilha.

<sup>15</sup> Montado por dois elementos da Esquadilha.

<sup>16</sup> Da iniciativa de outro Amigo.

<sup>17</sup> 150 anos, 15000 jovens e 400 unidades!

<sup>18</sup> Um Marine General-Brigadier (USMC) e um Army Lieutenant-colonel (USAC).

<sup>19</sup> De parceria com a Revista de Marinha (rubrica «Actividades do GAMMA»), com os «Amics del Museo Marítim de Barcelona» (entradas grátis nos Museus) e outras entidades.

Ortigão Neves não segue o proposto Novo Acordo Ortográfico enquanto, conforme legislado, não for adoptado por todos os Países Lusófonos.

# Curso “Oliveira e Carmo” celebra Bodas de Ouro

Os oficiais do Curso “Oliveira e Carmo” estão a comemorar 50 anos sobre a data da sua incorporação na Marinha e a cumprir um Programa de Comemorações, onde se incluem visitas a algumas unidades ou locais por onde passaram ao longo da sua carreira, porque recordar é viver!

## NA ESCOLA DE FUZILEIROS

A visita à Escola de Fuzileiros decorreu no dia 6 de setembro. Tratou-se da primeira visita que alguma vez um curso da Escola Naval fez àquela unidade, por ocasião da celebração desta efeméride e as razões desta visita são evidentes: mais de duas dezenas de oficiais do Curso “Oliveira e Carmo” passaram pela Escola de Fuzileiros, dos quais treze foram especializados como Fuzileiros Especiais e oito comandaram unidades de fuzileiros em teatros operacionais. O programa da visita iniciou-se com uma breve cerimónia de homenagem aos 74 fuzileiros que morreram em combate nas campanhas de África, que incluiu a deposição de uma coroa de flores, a que se seguiu uma visita guiada ao Museu do Fuzileiro que foi excelentemente orientada pelo CMG FZ Rocha e Abreu. Seguiu-se um *briefing* em que participou o Comandante do Corpo de Fuzileiros, CALM Cortes Picciochi e o Comandante da Escola de Fuzileiros, CMG FZ Teixeira Moreira.

Foi depois proporcionada uma demorada visita à unidade, que permitiu apreciar as principais atividades operacionais para as quais os Fuzileiros estão especialmente equipados e preparados, incluindo o Destacamento de Ações Especiais. Durante a visita, que causou uma excelente impressão aos visitantes, foi possível observar algumas atividades de instrução que se desenvolviam, incluindo a “famosa” pista de lodo que simboliza o alto grau de preparação dos nossos Fuzileiros.

Seguiu-se um almoço, durante o qual o Comandante da Escola de Fuzileiros e o CALM Nunes da Cruz, Chefe do Curso “Oliveira e Carmo”, trocaram discursos de satisfação e de agradecimento pela visita. Porém, a parte mais substantiva da sobremesa discursiva coube ao Comandante Pinto Machado, enquanto representante do primeiro grupo de oficiais do Curso “Oliveira e Carmo” que frequentaram a Escola de Fuzileiros. O excelente e bem humorado discurso historiou a passagem pelos Fuzileiros dos oficiais do Curso “Oliveira e Carmo”, as peripécias da instrução, os rigores dos instrutores e as mil histórias contadas pelos veteranos. Recordou as pistas de combate, a prova de sobrevivência, as marchas de longa duração, as corridas

de fundo, as travessias de cursos de água, a pista de lodo, a escalada na Arrábida que depois foi proibida e as progressões nocturnas na serra. O Comandante Pinto Machado referiu os processos de selecção e as vicissitudes das comissões em África, evocando locais como a Lumbala, o Cobuê ou a ilha do Como, prestou homenagem aos oficiais do curso que foram condecorados com a medalha da Cruz de Guerra e, de um modo especial, saudou a presença do nosso camarada Comandante Almeida Viegas, antigo comandante da Escola de Fuzileiros.



tação e do serviço, eventualmente ultrapassado apenas pelas extraordinárias e verdadeiramente entusiásticas “salvas” dirigidas por um jovem oficial que estava presente. Seguiram-se as visitas ao NRP *Bartolomeu Dias* e ao NRP *Tridente*, duas das mais modernas unidades da nossa Marinha.

A fragata *Bartolomeu Dias* é comandada pelo CFR Marcelo Correia e, para a generalidade dos oficiais que a visitaram, constituiu a revelação de uma unidade naval moderna, muito evoluída tecnologicamente, com uma guarnição conhecedora das suas funções

e bem treinada. O agradecimento pela visita ao navio foi feito pelo CMG Temes de Oliveira, que foi o primeiro comandante das novas fragatas da classe “Vasco da Gama” e, conseqüentemente, um precursor dos navios de tecnologia avançada na nossa Marinha.

O submarino *Tridente* é comandado pelo CTEN Amal Henriques e regressou recentemente dos Estados Unidos, onde o seu nível de adestramento foi muito elogiado. Os visitantes percorreram demoradamente o navio e

## NA BASE NAVAL DE LISBOA

A visita à Base Naval de Lisboa (BNL) realizou-se no dia 20 de setembro, tendo os oficiais do Curso “Oliveira e Carmo” sido recebidos na Doca da Marinha pelo respectivo Comandante, CMG Dora Aresta e, para recordar os velhos tempos em que ainda não havia a ponte sobre o Tejo, seguiram numa vedeta até ao Alfeite para reviver as travessias de outros tempos. Já na BNL, a comitiva OCEânica foi recebida pelo CMG Proença Mendes e dirigiu-se para o CITAN onde foi recebida pelo 2º Comandante Naval, CALM Mina Henriques e pelo Diretor do CITAN, CMG Croca Favinha. No CITAN realizou-se um *briefing* dirigido pelo CMG Sousa Pereira, Chefe da Divisão de Planeamento do EMA, que abordou alguns aspetos doutrinários da atual Marinha. Coube ao VALM Ferreira Barbosa, antigo Diretor do CITAN, agradecer o acolhimento e traçar uma breve resenha sobre a evolução da Armada nestes últimos 50 anos. Seguiu-se uma visita ao simulador de navegação que a todos impressionou vivamente pela sua sofisticada tecnologia.

O almoço decorreu na velhinha Messe de Oficiais e primou pela excelência da presen-

tação e do serviço, eventualmente ultrapassado apenas pelas extraordinárias e verdadeiramente entusiásticas “salvas” dirigidas por um jovem oficial que estava presente. Seguiram-se as visitas ao NRP *Bartolomeu Dias* e ao NRP *Tridente*, duas das mais modernas unidades da nossa Marinha.

A impressão geral recolhida pelos oficiais do Curso “Oliveira e Carmo”, muitos dos quais não visitavam a BNL há vinte ou trinta anos, foi de grande satisfação por tudo o que viram, desde o impecável aspeto das instalações, cais, arruamentos e espaços ajardinados, até à compostura militar de todo o pessoal com que se cruzaram. Por tudo isto, o Curso “Oliveira e Carmo” expressa o seu agradecimento aos oficiais antes mencionados, mas também aos oficiais, sargentos e praças envolvidos nesta visita, que tantas emoções e tantas saudades lhes fez reviver. E no regresso, feito novamente na simbólica vedeta, todos vinham ainda mais orgulhosos da nossa Marinha e seguros de que as novas gerações saberão manter e reforçar a tradição, a cultura e a operacionalidade da corporação do botão de âncora!



# Prémios CNOCA 2012

Realizou-se no dia 31 de outubro, a bordo do NE Sagres, a cerimónia de entrega de prémios das provas de vela e de remo organizadas pelo CNOCA no corrente ano. Assim, além das provas do Dia da Marinha de 2012 e do Campeonato Regional Centro de Snipe foram entregues os prémios do Festival Náutico do CNOCA, que teve este ano a sua 63ª edição.

Uma vez mais a Marinha respondeu de forma positiva a uma solicitação do clube, conciliando a deslocação do NE Sagres para a margem norte, no âmbito das comemorações do seu 75º aniversário, permitindo assim realizar a referida cerimónia num local tão especial como é aquele emblemático veleiro.

Realça-se que pela primeira vez o Dia da Marinha 2012 contou com uma prova de remo organizada em parceria com a ANL além das tradicionais regatas de vela. Quanto ao 63º Festival Náutico, que se realizou nos dias 13, 14 e 20 de outubro, estiveram presentes mais de 90 velejadores distribuídos pelas classes Snipe, 420, Vaurien e Optimist, no Mar da Palha, e nas regatas de Cruzeiros apresentaram-se na largada, na zona de Belém, mais de 50 embarcações, que terminaram o percurso no estuário do Tejo.

Durante o jantar que antecedeu a cerimónia, foi possível estreitar os laços entre o clube e as restantes entidades e organizações presentes, tendo o serviço prestado pelo na-



Foto: IMAR M. Ferreira

vio contribuído de forma excepcional para o sucesso do evento. Destaca-se a presença de cerca de 250 pessoas, entre representantes de entidades de Marinha e Civis que sempre apoiaram o clube, dirigentes de Federações, Associações e Clubes da zona centro, colaboradores do CNOCA e diversos velejadores e remadores que participaram nas diversas provas.

A cerimónia de entrega de prémios foi presidida pelo Comandante Naval, VALM Monteiro Montenegro, em representação do ALM CEMA, tendo o Presidente da Mesa da Assembleia-Geral, CALM Seabra de Melo, proferido uma breve intervenção, na qual agradeceu a presença das diversas entidades e relevo a importância das provas e atividade náutica do CNOCA. De seguida, o Presidente do Clube, CMG Novo Palma, fez um pequeno balanço da atividade em 2012, referindo a intenção do clube levar a cabo uma série de eventos no âmbito da efeméride que irá ocorrer já no próximo ano, cumprindo 125 anos de existência e endereçou ao ALM CEMA o agradecimento pela disponibilização do navio e ao Comando do NE Sagres pela forma como recebeu a comunidade da náutica de recreio, bem patente nos comentários elogiosos dos presentes, contribuindo para a união entre estas duas vertentes que fazem "uso do mar".

Foram assim entregues 73 prémios entre os diversos velejadores e remadores, distribuídos pelas diversas provas e diversas classes de embarcações.

Colaboração do CNOCA

## Curso Luís de Camões

### 50º Aniversário da 1ª Viagem de instrução da SAGRES

O dia 8 de outubro foi, mais uma vez, dia grande para o Curso "Luís de Camões" que a bordo do NRP Sagres comemorou os 50 anos da largada para a sua 1ª viagem de instrução, nesse mesmo dia de 1962, que também foi a 1ª viagem de instrução deste navio com bandeira portuguesa.

Os 30 ex-cadetes presentes foram recebidos pelo Comandante do navio, CFR Sardinha Monteiro, com a honrosa presença do Comandante da Flotilha, CALM Mina Henriques em representação do Comandante Naval.



Para além da saudosa e nostálgica visita ao navio, agora bem mais modernizado, com vigias já estanques e sem necessidade de água racionada, acompanhados pelo Comandante e

pelo Imediato, foi descerrada a bordo uma Placa assinalando a efeméride de há precisamente 50 anos dessa viagem de instrução de dois meses e meio, à Madeira, Cabo Verde e Guiné.

De seguida foi-nos oferecido um Porto de Honra, singela e alegre cerimónia, com as respetivas saudações e troca de lembranças, tendo no final o Comandante oferecido a cada um dos visitantes um Diploma Especial assinalando essa 1ª Viagem de Instrução da SAGRES.

Conforme programado foi agora distribuído o Livro do Curso "Luís de Camões" recentemente editado.

Colaboração do CURSO LUÍS DE CAMÕES

## As coisas que interessam...

**S**e me perguntarem um dia qual o tema principal dos meus escritos nesta revista, terei resposta pronta: são as coisas pequenas... A nossa vida é cheia de pequenas coisas que moldam as nossas vidas, por vezes tão insignificantes aos olhos de alguns, que não são valorizadas...

Pois ao contrário, a minha história, e estas histórias, estão repletas de coisas pequenas, mas de extrema importância. Comecei a escrever na revista por puro acaso. Escrevi primeiramente sobre a minha missão em Timor – missão que viria a moldar toda a minha carreira e toda a minha vida. Depois houve quem gostasse (... ainda não percebi bem porquê).

Durante anos paguei um preço (particularmente entre os meus próprios pares) – achava-se que as histórias tinham “segundas intenções”, ou que eu “expunha a minha intimidade mais do que conviria” e, esta última e perigosa característica, achavam alguns, iria gravemente prejudicar a minha já pouco promissora carreira militar...

Respondi sempre a essas críticas com a verdade simples (...um valor muito esquecido entre nós). A verdade é que não sei escrever de outro modo... Não escrevo para agradar ou desagradar a ninguém, não escrevo para meu próprio benefício e não sei escrever sobre nada que não sinta profundamente... é este o meu único segredo importante... O outro segredo significativo é o de apreciar o ruído do vento, as ondas a bater na praia, o escuro do céu que antevê a tempestade e o sol da manhã num dia frio de inverno. Tudo coisas da vida sem peso

ou tamanho, aparentemente insignificantes... pequenas coisas na verdade...

Não desconfiei de nada quando me convidaram para o lançamento de um livro no Museu de Marinha. O escritor desse livro é um amigo de longa data. O livro tem interesse histórico extremo, visto descrever exatamente a saída dos Portugueses de Timor, em 1975 – um tema caro a muitos. Mas havia mais uma surpresa...

Havia uma exposição sobre Timor, com fotos, livros e outros objetos alusivos à ex-colónia mais distante de Portugal. No meio das fotos, lá estava eu... assim... sem aviso... numa fotografia tirada em Dezembro de 1999, quando eu próprio lá estive... Fiquei emocionado...

Foi em Timor que conheci a fome. Não a minha, mas a de outros seres humanos, em tudo iguais a todos os outros, exceto na particularidade de terem nascido num país ocupado e terem sido perseguidos na sua identidade, no seu íntimo... A fome é a grande niveladora do sofrimento, condiciona tudo à sua volta, o amor, o ódio e, especialmente, esvazia a alma...

As tradutoras do hospital em que os portugueses trabalharam tinham pouco que comer. É um sentimento que incomoda na alma – na nossa se a ouvirmos. Falei a bordo com o cozinheiro e com o despenseiro. O último dispôs pão em grande quantidade e umas latas de leite em pó – que não “iriam fazer falta a bordo”... O cozinheiro alentejano – o mítico “cardeal poupas”, cantor e eternamente bem-disposto, produziu um saco de linguiça da sua terra... Que tinha reservado para matar

saudades. Pareceu-lhe, naqueles dias, mais importante que servisse para matar a fome de quem precisava.

Munidos de tão preciosa carga lá partimos num bote numa tarde quente. A emoção de quem recebeu a doação era evidente... Ao outro dia, tinha na minha secretária, num português excelente, um carta agradecida que afirmava reconhecimento e concluía: “nunca poderemos pagar, mas ficarão para sempre nas nossas orações”... Muitas vezes na vida acredito que essas orações muito me ajudaram...

Esta pequena iniciativa silenciosa e muitas outras mais, oficiosas e não oficiosas, dos portugueses naquela época terão reafirmado a boa impressão que os timorenses já guardavam dos portugueses e dos marinheiros em especial. A mim reforçou-me a ideia que já tinha... estamos sempre ao nosso melhor quando pensamos nos outros...

São estas as coisas importantes da vida. Ajudar, ficar reconhecido, acreditar. Por esta lógica daqui vai um Muito Obrigado, profundamente, reconhecido aos amigos que naquele dia me convidaram para tão feliz evento... Mais uma pequena coisa que muito alegrou a minha vida...

Em relação a Timor, espero (...e esperam os portugueses de bom sentir, particularmente os mais humildes) que encontre o seu caminho no mundo e na língua de Camões... estará sempre no coração desta nação de marinheiros... É verdadeiramente uma nação irmã...

Doc

## COMISSÃO CULTURAL DA MARINHA



### Mostra “O Contratorpedeiro Tâmega”

**A** 4 de outubro, a Biblioteca Central da Marinha (BCM) inaugurou uma Mostra Documental e Iconográfica subordinada ao tema “**O Contratorpedeiro Tâmega**”, que esteve patente ao público até 19 de outubro, nas instalações da Biblioteca, em Belém.

O Contratorpedeiro *Tâmega* foi o quarto e último navio da classe “Douro”, tendo sido lançado à água em 21 de outubro de 1922, na presença do Presidente da República, Dr. António José de Almeida, e do Ministro da Marinha, Capitão-tenente Azevedo Coutinho.

Durante os 18 anos ao serviço da Armada (1924-1942), a sua atividade operacional pautou-se essencialmente por exercícios, manobras e lançamento de torpedos para adestramento das guarnições, bem como visitas oficiais e de rotina a portos nacionais, e ainda à fisca-



lização da pesca na Zona Norte.

Em abril de 1926 apoiou o *raid* do avião “Sagres” que partiu de Lisboa com destino aos arquipélagos da Madeira e dos Açores. Em 26 de julho de 1926 participou nos exercícios da Força Naval em Sesimbra levando a bordo o Presidente da República, general Óscar Carmona.

Destaca-se a única vez que se deslocou ao estrangeiro, a Espanha

em 1929, mais concretamente à Exposição Ibero-Americana de Sevilha. Em 1930 esteve presente no lançamento da primeira pedra do porto de Setúbal, cerimónia a que presidiu o general Óscar Carmona. Por diversas vezes, no ano de 1937, esteve no Arsenal do Alfeite. Em agosto desse mesmo ano, fez a subida do plano inclinado daquele estaleiro.

Foi abatido ao efetivo dos navios da Armada em 2 de setembro de 1942 e vendido em hasta pública no ano de 1943.

## UMA QUESTÃO DE IMPORTÂNCIA

Com maior incidência no sec. XVII passou a Baía a ser uma das escalas, em especial na tornaviagem, dos navios da Carreira da Índia, em clara transgressão das instruções régias.

Tal escala apresentava um conjunto de vantagens, desde a possibilidade de efectuar reparações, o tratamento dos doentes de bordo, o completamento das lotações devido às mortes entretanto verificadas, a possibilidade de integrarem as frotas do Brasil e verem assim melhoradas as condições de segurança no que ao tempo e aos ataques de inimigos se refere e, não menos importante, à possibilidade dos tripulantes, em especial os oficiais do navio, poderem efectuar negócio com as mercadorias que traziam da Índia.

Talvez devido a questões relacionadas com as precedências entre os nomeados para os cargos de comando nunca foi estabelecida uma clara dependência entre os capitães das naus da Índia e os comandantes das frotas do Brasil limitando-se as instruções régias ao estabelecimento da obrigatoriedade do coman-

dante da frota (designado por cabo da frota) seguir, durante a noite, o farol do navio da Índia e, durante o dia, o de navegarem todos juntos regulando o pano e os rumos de acordo com o que uns e outros tivessem estabelecido.

Tal indefinição, na 2ª metade do sec. XVII, era ultrapassada pelo Governo do Brasil promovendo reuniões entre os interessados no decurso das quais os sinais a efectuar entre os navios eram apresentados e distribuídos, sinais esses combinados e aceites pelos intervenientes.

Em 1676 no entanto o conceito que cada um tinha da respectiva importância levou a que tendo sido marcada uma reunião, para o dia 31 de Agosto, entre o Capitão de Mar e Guerra da nau S. Pedro de Rates, Simão de Sousa de Távora, vinda da Índia, e Diogo Ramires Esquivel, Capitão de Mar e Guerra da S. Veríssimo e cabo da frota do Brasil, esta não se realizasse porque Simão de Távora não compareceu.

Para além de não comparecer à reunião Simão de Távora, nesse mesmo dia, fez chegar às mãos de Diogo Esquivel um conjunto

de instruções sobre os sinais a efectuar para que este os cumprisse no decurso da viagem, instruções essas que, sem surpresa, foram por este rejeitadas.

Em carta datada de 1 de Setembro dirigida a Simão de Távora o Governador, reiterando as instruções régias informava não estar estabelecida qualquer dependência entre os comandos e lamentava a sua ausência na reunião onde todas as dúvidas poderiam ter sido esclarecidas.

Não foi possível apurar se o bom senso imperou e houve consenso entre as partes, não constando ter ocorrido qualquer ocorrência de maior no decurso do regresso a Lisboa que se admite não deveria ter sido dos mais pacíficos.



Com. E. Gomes

Fonte: Documentos Históricos da Biblioteca nacional do Rio de Janeiro vol. 9.

N.R.

O autor não adota o novo acordo ortográfico.

QUALIDADE  
KNOW-HOW  
SEGURANÇA

**LISSA**

AGÊNCIA DE DESPACHOS E TRÂNSITOS, LDA.



Rua Leopoldo de Almeida, Nº 8A • 1º andar • 1750-138 Lisboa • PORTUGAL

Tel: (+351) 217 520 221 / 3 • Cell: (+351) 969826387 | (+351) 969826379 | (+351) 969826388  
Fax: (+351) 217 59 68 48 • E-mail: [lissa2@sapo.pt](mailto:lissa2@sapo.pt) | [lissa4@sapo.pt](mailto:lissa4@sapo.pt)



# Rohde & Schwarz - na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

A Rohde & Schwarz é um fabricante independente e um dos maiores fornecedores de equipamentos e sistemas electrónicos da Europa. Desenvolvemos, produzimos e comercializamos instrumentos e sistemas nas áreas de teste e medida, radiocomunicações, broadcasting, radiomonиторização e radiolocalização, segurança IT.

A chave do nosso sucesso é o desenvolvimento de sistemas de comunicação e medida em parceria com os nossos clientes. Esforçamo-nos para entender ao pormenor as necessidades dos nossos clientes, e depois desenhar soluções rentáveis. Como empresa independente, mantemos um contacto próximo com os nossos clientes através de uma rede de mais de 70 representações mundiais.

O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de inovação, precisão, fiabilidade e qualidade. Esta é a nossa fórmula para atingirmos a satisfação do cliente e para sermos os melhores na nossa área de negócios.

[www.rohde-schwarz.pt](http://www.rohde-schwarz.pt)



**ROHDE & SCHWARZ**

## JOGUEMOS O BRIDGE

### Problema Nº 157

				<b>Norte (N):</b>							
				♠	♥	♦	♣				
				D	V	9	5				
				10	8	4	4				
				8	5						
				5	3						
				4							
								<b>Este (E):</b>			
				♠	♥	♦	♣				
				V	R	D	R				
				9	4	10	D				
				3		7	2				
				2		6					
								<b>Sul (S):</b>			
				♠	♥	♦	♣				
				A	A	2	A				
				7	D		V				
				6	10		10				
					9		9				
							8				

E-W vuln. S abre em 1♣, W marca 1♦, N passa, E dá 2ST, S 3♥, W passa e N marca 4♥ que vão ser jogadas por S. Analise as 4 mãos e escolha a linha em que gostaria de estar sentado para marcar pontos para a sua coluna.

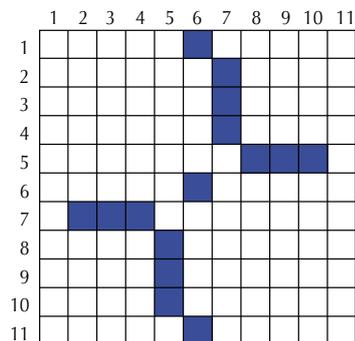
### SOLUÇÕES: PROBLEMA Nº 157

Se escolher a linha E-W tem de sair a ♠R para dar um cabide, conforme vamos ver: S faz de A e para entrar no morto em ♣ e fazer a passagem ao R de trunfo tem de jogar ♣A e outro; E faz e joga pequena ♠ para o corte de W pedindo a volta a ♦; a mensagem é percebida e joga ♦ por baixo de AR tendo a certeza que E terá a D e quer dar-lhe outro corte a ♠ para o cabide. Com a saída natural a ♦A o contrato cumpre-se mesmo que jogue ♠R a seguir, pois perdeu um tempo e o corte a ♠ já não tem interesse uma vez que S terá sempre de dar o V. Os ♣ 3-3 e o R de trunfo à 2ª bem colocada permitem o cumprimento como será fácil de verificar, dando apenas 1♠+1♦+1♣. Neste problema vemos também demonstrada a vantagem da comunicação entre os 2 parceiros para um bom flanco em situações desta natureza, dentro do princípio que é sempre possível dar um significado às cartas que se jogam ou se baldam.

Nunes Marques  
CALMAN

## PALAVRAS CRUZADAS

### Problema Nº 439



**HORIZONTAIS:** 1-Enfundado; relativo ao papa. 2-Variedade de prozolana; medida de capacidade entre os antigos. 3-Passar a lua de mel; mau. 4-Sacara; nome de letra. 5-Sete letras de organismo; 6-Rasa grande; diplomata francês nascido em Nimes (aprox. 1530-1600) (ap). 7-Género de árvores americanas, cujos frutos têm a aparência de ervilhas vermelhas. 8-Fruta da ingazeira; falta a última para ser agarico. 9-O mesmo que *louvar* (ant); pensar na barafunda. 10-Cidade da Alemanha, capital da Saxónia-Anhalt, nas margens do Saale; oleica na confusão. 11-Planta medicinal; juízos.

**VERTICAIS:** 1-Barriga da perna. 2-Torna loiro ou semelhante; horas canónicas. 3-Espécie de papagaio (pl);traje para actos solenes. 4-Vagueia;lavar. 5-Anímais crustáceos. 6-Estavam; espécie de poncho de fazenda fina, na confusão. 7-Burros selvagens. 8-Medida agrária em alguns países; magnetizei. 9-Quaisquer pedaços de madeira; relativo a coros. 10-Acrescentais nome científico do bicho-de-conta. 11-O mesmo que cesal pináceas (Bot).

### SOLUÇÕES: PALAVRAS CRUZADAS Nº 439

**HORIZONTAIS:** 1-Pando; Papal. 2-Aloite; Cado. 3-Noivar; Ruim. 4-Tirara; Esse. 5-Oragimo. 6-Rasao; Nicot. 7-Saamona. 8-Ingá; Agaric. 9-Loar; Prnase. 10-Hala; Loeica. 11-Asaro; Sisos.

**VERTICAIS:** 1-Pantorilha. 2-Aloira; Noas. 3-Noiras; Gala. 4-Divaga; Arar. 5-Otarios. 6-Eram; Aapl. 7-Onagros. 8-Acre; Imanei. 9-Paus; Corais. 10-Adis; Onisco. 11-Lomentaceas.

Carmo Pinto  
1TEN REF

## CONVÍVIOS

### 12º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DOS MARINHEIROS DE FERREIRA DO ZÊZERE

● No passado dia 6 de outubro, realizou-se o 12º encontro da Associação dos Marinheiros de Ferreira do Zêzere para comemorar mais um aniversário. Reuniram-se no restaurante a "Grelha do Zêzere" cerca de 50 associados e respetivas famílias num total de 120 convivas. O encontro, que decorreu em ambiente de sã camaradagem, contou com a presença do Vice Presidente da Câmara Municipal, Eng. Paulo Neves.



## COMANDOS E CARGOS

### NOMEAÇÕES

● CMG AN António Inácio Gonçalves Covita nomeado Diretor de Auditoria e Controlo Financeiro ● CMG AN Henrique Josué Simões Candeias nomeado Diretor dos Serviços Administrativos e Financeiros Centrais ● CMG ECN Rui Manuel Rapaz Lérias nomeado Diretor do Serviço de Formação ● CMG Nuno António de Noronha Bragança nomeado Comandante da Unidade de Apoio às Instalações Centrais da Marinha ● CFR Nuno Filipe Cortes Lopes nomeado Comandante do NRP *Corte-Real* ● CFR Rui Manuel Rodrigues Teixeira nomeado Comandante do NRP *Viana do Castelo* ● CFR SEG José Nanques de Matos nomeado Diretor do Centro de Educação Física da Armada ● CFR SEF Victor Manuel Ramos Josefino nomeado Chefe da Repartição de Recrutamento e Selecção da Direção do Serviço de Pessoal ● 2TEN Pedro Miguel de Sousa Henriques Vitorino nomeado Comandante do NRP *Orion* ● 2TEN Marcos André Arrifes Narciso nomeado Comandante do NRP *Cassiopeia*.

### RESERVA

● CMG João António da Cruz Rodrigues Gonçalves ● CMG Fernando José Massa Madeira Proença Nunes ● CMG FZ Abel de Sousa Ribeiro ● CMG Rui Manuel Ferreira Gonçalves ● CTEN SEP José Sevivas Marracho.

## REFORMA

● CFR OT Manuel Pereira Nunes ● CTEN AN Manuel Belarmino da Silva Lopes ● SMOR FZ Manuel Rodrigues Pereira da Pina ● SCH M Francisco Gonçalves Gaspar ● SAJ L Joaquim Bispo ● SAJ MQ Manuel António Delgado Varanda ● SAJ US Victor Manuel de Oliveira Rodrigues ● 1SAR T Eduardo Joaquim Mendes Sousa ● CAB CM Joaquim José Silva da Rosa ● CAB E Alfredo José Monteiro Borges ● CAB M Blandino Fajardo de Jesus ● CAB E Vasco Manuel Moreno Alves Gaspar ● CAB TFH Paulo Alexandre Batista Tomé Castro Figueira.

## FALECIDOS

● CMG SEH REF Henrique Teixeira Patinha ● CFR OTS REF José Amâncio Viegas Martins Bom ● CTEN REF Jorge Joaquim Mourão de Sousa Meneses ● SMOR FZ REF António Dias Ramos ● SMOR TF REF Carlos Guerreiro ● SCH CE REF Joaquim da Rosa Narciso ● SAJ M REF Francisco Manuel Rodrigues ● SAJ CE REF José Carreira Alberto ● 1SAR A REF Américo dos Santos Batista ● CAB TFD REF João Barbosa Rodrigues ● CAB A REF António Ferreira de Araújo ● 2MAR C Ricardo Daniel Freire Gouveia ● 1GRT FZ DFA REF João José Ferreira Valido ● AG 1/A CLAS PM APOS Afonso Amaral ● FAROL 1ªCL APOS Albertino Sousa Luz.

# CONVÍVIOS

## 25.º ANIVERSÁRIO DOS ALUNOS DOS CURSOS DE ENFERMAGEM GERAL E TÉCNICOS DE DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA ESSM 1984-1987

● Realizou-se no passado dia 1 de setembro, na “Quinta da Ribeira”, em Vale de Lobos, o almoço de comemoração dos 25 anos dos CEG e TDT da ESSM 1984-1987.



O encontro decorreu com muita alegria, amizade e camaradagem e contou com a presença de meia centena de convivas.

## “FILHOS DA ESCOLA” DE JANEIRO DE 1973



● Para comemorar o 40º aniversário do ingresso na Biosa, realiza-se em 12 de janeiro um convívio na Área Naval do Alfeite, em restaurante a desginar na margem sul, que será especificado no envio dos convites.

A comissão organizadora sugere que o ponto de encontro seja no Portão Verde (Laranjeiro) para que possa ser realizada uma missa na Capela da Base Naval em memória dos “Filhos da Escola” já falecidos. Espera-se autorização oficial para uma visita a área naval, assim como uma visita a uma unidade naval, desde que o tempo o permita.

Os interessados devem contactar: SMOR E José Armada TM 918 659 381; SCH E Manuel Pais TM 936 265 993; SCH FZ João Marques TM 966 877 631; SCH M Amandio Nascimento TM 919 870 179; SAJ MQ Jeremias Moura – TM: 965855564; 1º SAR M António Cardoso TM 934 492 272.

## 50º ANIVERSÁRIO DA INCORPORAÇÃO SETEMBRO DE 1962

● Realizaram-se no passado mês de setembro, nos dias 15, 16 e 30 respetivamente, na Escola de Fuzileiros, Base Naval e ETNA – Confraternizações para comemoração do 50º aniversário desta Incorporação na Armada, cuja data coincidiu com o 30º aniversário da realização das confraternizações anuais.

De destacar a elevada presença de “Filhos da Escola”, familiares e amigos assim como as primeiras presenças de alguns camaradas bem como de vários monitores da respetiva “Recruta”.

Alguns dos “pontos altos” destas Comemorações foram também as homenagens prestadas (em todas aquelas Unidades) aos Marinheiros já falecidos e, em especial, aos “Filhos da Escola”.

No dia do encerramento houve a participação de um Coro Polifónico e a “condecoração” aos “Filhos da Escola” que tiveram maior número de presenças nas confraternizações.

Tal como habitualmente, todas estes convívios foram repletos de emoções, com o reviver de outros tempos e, sobretudo, pela camaradagem adquirida nos tempos de Marinha e que se vão prolongando pelos dias de hoje.



# Navios Hidrográficos

## 22. O NAVIO HIDROGRÁFICO AFONSO DE ALBUQUERQUE

O navio hidrográfico *Afonso de Albuquerque* foi adquirido ao Reino Unido por subscrição pública a fim de substituir o aviso do mesmo nome, capturado em combate pelas forças indianas aquando da invasão do Estado Português da Índia em 1961. Tratava-se da fragata HMS *Dalrymple* construída em 1945 nos estaleiros William M. Pickersgil & Sons, Ltd, em Sunderland, posteriormente adaptada a navio hidrográfico e rebatizada *Luce Bay*, tendo sido incorporada no Efetivo dos Navios da Armada em 26 de abril de 1966, no porto de Plymouth.

A denominação *Afonso de Albuquerque* evoca o célebre fidalgo e militar que foi Governador e Vice-Rei da Índia ao tempo de D. Manuel I e a cuja ação se deve o estabelecimento do domínio português do Oceano Índico ao longo de vários séculos.

O navio apresentava as seguintes características:

Deslocamento máximo .....	2.265 toneladas
Comprimento (fora a fora).....	93,6 metros
Boca .....	11,7 “
Calado máximo .....	4,3 “
Velocidade máxima .....	15,5 nós
Velocidade de cruzeiro .....	10 “

Possuía 2 máquinas alternativas a vapor com 4 cilindros de tríplice expansão, acionando 2 veios com a potência máxima de 5.500 HP. A sua guarnição era composta por 109 homens (9 oficiais, 16 sargentos e 84 praças).

Uma vez chegado a Lisboa, largou em junho de 1966 para os Açores, passando ao serviço da Missão Hidrográfica do Continente e Ilhas Adjacentes (MH CIA) em substituição do N.H. *João de Lisboa*. As capacidades que oferecia em relação ao seu antecessor traduziram-se logo nesse ano no aumento do volume de trabalho realizado, concretamente no número de posições determinadas e de sondas lidas.

Entretanto, pretendendo-se utilizar o navio em levantamentos hidrográficos a efetuar também na Guiné e em Cabo Verde, para além de Portugal Continental e das Ilhas Adjacentes, foi criada a Missão Hidrográfica n.º 1, transitando para esta todos os meios que até à altura se encontravam afetos à MH CIA, passando o comandante do N.H. *Afonso de Albuquerque* a acumular as funções de Chefe da Missão.

Em 1967 foi sujeito a fabricos no Arsenal do Alfeite em virtude de deficiências que foram detetadas no tubular das caldeiras.

Ao longo dos quinze anos em que esteve ao serviço, executou trabalhos de hidrografia e oceanografia em Portugal Continental, Arquipélagos dos Açores e Madeira incluindo as Ilhas Selvagens, Guiné e Cabo Verde.

Em Portugal Continental, participou, em 1967, no programa do perfil sonar Continente – Açores – Madeira – Continente com lançamentos de batitermógrafos a 270 metros; nos levantamentos hidrográficos entre o cabo de Santa Maria e a foz do rio Guadiana e ao largo de Leixões, ambos em 1968; na plataforma continental entre o cabo de Santa Maria e o cabo de S. Vicente, na bacia de manobra e zona adjacente ao cais da Base Naval do Alfeite e no reconhecimento hidrográfico expedito das imediações do encalhe do antigo navio oceanográfico “Salvador Correia”, em 1969. Em 1979, na bacia do Alfeite, na Docagem da Marinha e na

costa algarvia entre Sagres e Portimão. Em 1971, na zona contígua ao limite Oeste da Estação Naval do Alfeite, entre esta e a área concedida ao estaleiro da Lisnave. Em 1972, na barra e porto de Portimão e na plataforma continental entre a ponta de Sagres e o paralelo de Sines. Em 1973, na plataforma continental da foz do rio Minho à foz do rio Douro. Em 1974, na plataforma continental entre Setúbal e o cabo de S. Vicente e, no ano seguinte, do rio Minho a Espinho. Em 1977, no levantamento oceânico para a carta 6, do cabo de Sines ao cabo de S. Vicente e ainda na conclusão do levantamento para a carta 1, do rio Mi-

nho a Espinho e, em 1978, do cabo da Roca ao cabo de Sines

No Arquipélago dos Açores, efetuou o levantamento hidrográfico e altimétrico das aproximações da baía das Barcas, na ilha de Santa Maria, no âmbito do projeto

de instalação do Polígono de Acústica Submarina dos Açores, realizado em 1969; no levantamento dos portos de Vila do Porto, na ilha de Santa Maria, em 1975; da Horta, Praia da Vitória e Madalena em 1977; de Ponta Delgada em 1978; do grupo oriental para a carta 108 em 1979 e, no ano seguinte, da baía da Praia de Santa Maria, para permitir o dimensionamento para a construção de infraestruturas portuárias.

Ainda ao serviço da Missão Hidrográfica n.º 1, no Arquipélago do Madeira prestou apoio à sondagem de completamento da carta 100 e ao levantamento hidrográfico oceânico das águas do arquipélago ao longo das rotas utilizadas na viagem de instrução do 13.º Curso de Formação de Oficiais da Reserva Naval, respetivamente em 1968 e 1969.

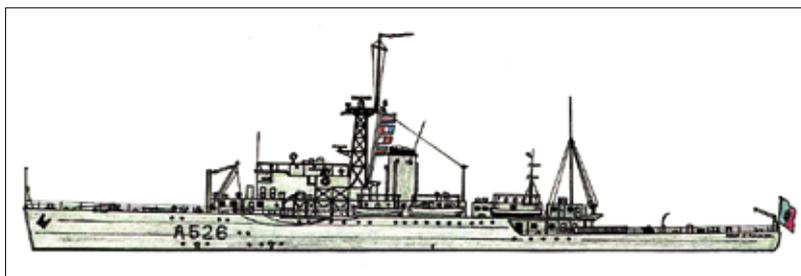
De referir que, na altura em que foi criada a Missão Hidrográfica n.º 1, foi igualmente constituída a Brigada Hidrográfica n.º 1, a qual ficou responsável por numerosos trabalhos hidrográficos em Portugal Continental e nos Arquipélagos dos Açores e Madeira.

Na Guiné, o navio participou nos levantamentos hidrográficos com vista à atualização da barra do rio Cacine, do porto de Bissau e do arquipélago dos Bijagós que incluiu os canais de Pedro de Cintra, Álvaro Fernandes e passagens dos Porcos, do Caravelão e do Galeão e dos canais de Orango e Diogo Gomes, trabalhos realizados em 1967. Nos anos que se seguiram, deu apoio ao levantamento do porto de Bambadinca, porto de Xime e, por último, em 1972, na construção de uma marca de navegação na ponta Arcumbe da ilha de Orango.

No Arquipélago de Cabo Verde, deu apoio ao levantamento de Vale de Cavaleiros realizado em 1968 e ainda no estabelecimento de fiadas de sondagem oceânica entre Cabo Verde e a Guiné, trabalhos que vinham sendo realizados desde 1966 e ficaram concluídos em 1969.

Em 30 de maio de 1980, o N.H. *Afonso de Albuquerque* passou ao estado de desarmamento e, em 14 de maio de 1983, abatido ao Efetivo dos Navios da Armada.

Posteriormente, foi utilizado em exercícios navais como alvo de tiro de superfície e de torpedos, tendo em 1994, no âmbito de exercícios da NATO, sido afundado definitivamente pelo NRP Cte. *Sacadura Cabral*.



# *Navios Hidrográficos*

## **22. O NAVIO HIDROGRÁFICO AFONSO DE ALBUQUERQUE**

